

Francisco Carvalho

O Sonho

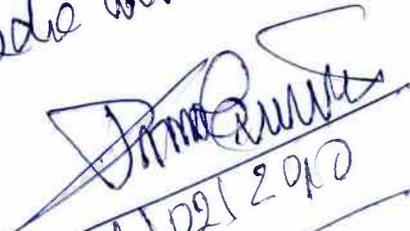
É Nossa Chama

Invocando Rilke

Cair, neste universo, é a
lei geral. Cai o império solar,
cai o seu halo. Cai a rosa
vermelha do seu talo com sonoro
clarido de cristal. Cai o anjo
e o homem, cai a cal da
memória, de intervalo a
intervalo. Também caiu o rei
ardanapalo na escuridão
da noite sepulcral.
Tudo cai: a formiga e o
aquidérme. As estrelas do céu,
folhas e frutos das estações,
cai a pluma dos rios.
Cai a fronte do sábio, cai
o verme que rói a pedra
e o coração dos brutos. E
os pensamentos mais sombrios

F.C.

Do prefeito amigo Poeta
Aureo Serato, com a
removida administração do


16/02/2010



O Sonho é Nossa Chama

Já estou sentindo as violetas
crescerem sobre mim.

MURILO MENDES



Francisco Carvalho

O Sonho é Nossa Chama

SONETOS ESCOLHIDOS

Fortaleza – Ceará
2010

O Sonho é Nossa Chama: sonetos escolhidos

© 2010 Copyright by Francisco Carvalho
Impresso no Brasil / Printed in Brazil
Efetuado depósito legal na Biblioteca Nacional
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Projeto Gráfico e Capa

Carlos Alberto Alexandre Dantas

Revisão Gramatical e Estilística de Textos

O Autor

Fonte

Serifa BT 13

Tiragem

300 exemplares

Catálogo na Fonte

C 331s Carvalho, Francisco

O sonho é nossa chama: sonetos escolhidos. Francisco
Carvalho. – Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2010.

98 p.

1. Literatura brasileira. 2. Poesia. I. Título.

CDD: 869

ISBN 978-85-7563-530-8

Algumas Palavras

Todos sabemos que os poemas de forma fixa causam sonolência nos leitores. A começar de mim, que não sou melhor do que os outros. Depois de tanto tempo de luta com a palavra, resolvi publicar uma coletânea de sonetos, extraídos de livros antigos. Com exceção dos dez inéditos que se encontram no final do volume. Talvez não sejam os melhores, mas queimei as pestanas na tentativa de selecionar alguns sonetos escritos ao longo da vida. Já foram publicados em livros, apenas modifiquei alguns para expurgá-los dos excessos.

Infelizmente, ainda não logrei me curar da irreverência pedagógica de Ezra Pound ao afirmar que o soneto “foi a forma encontrada por algum sujeito que não conseguiu ir mais adiante”. Para completar o estrago, atinge os autores com este certo golpe mortal: “Invariavelmente, na cola dos soneteiros, vieram os maus poetas”. (Quem quiser maiores detalhes, basta adquirir o seu ABC da Literatura, publicado pela Editora Cultrix, de São Paulo).

Acontece que versejadores principiantes ou até mesmo na fase terminal continuaram a produzir sonetos de qualidade duvidosa. Acredito que alguns leitores e poetas, talvez a contragosto, os foram expulsando de suas estantes, entediados com os aparatos formais desse poema de 14 versos que tem seduzido multidões de desocupados no mundo inteiro.

Não adianta citar nomes, mas é sabido que os verdadeiros poetas estão honestamente empenhados na produção de uma arte poética que se distingue pela universalidade da linguagem e pela prática de uma forma mais flexível às exigências da modernidade. Escrevendo sonetos ou poemas em versos livres, revelam qualidades literárias que os consagram à admiração da posteridade. Afinal de contas, se o soneto está realmente fora de moda, ultrapassado na forma e no conteúdo, por que tanta gente continua a escrevê-lo com tamanha convicção? Deve existir alguma explicação para isso. Há quem suponha que a preferência pelo soneto seria uma forma de opção pelo caminho mais fácil. Será?

FRANCISCO CARVALHO

SUMÁRIO

Algumas Palavras: p. V a VI

Sonetos a Camões: p. 9 a 13; **Uma Foíce de Plumas:** p. 14 a 24; **Elegia da Casa Velha:** p. 25 a 29; **Elegia para a Mãe Morta:** p. 30; **Serenata Medieval:** p. 31; **As Esquinas do Vento:** p. 32; **Filhos do Vento:** p. 35; **Pórtico de Cinzas:** p. 37 a 40; **As Vinhas de Eros:** p. 41 a 43; **Para Jorge Tufic:** p. 44; **Para Astrid Cabral:** 45; **Clara Sorrindo à Clara Correnteza:** p. 46 a 50; **Veio o Pastor das Bandas da Judeia:** p. 51 a 55; **Nuvens Foragidas:** p. 56; **Para Vinícius de Moraes:** p. 61 a 62; **Borges e o Ouro dos Tigres:** p. 63 a 64; **Fazedor de Gaiolas:** p. 65; **Para o Prof. Antônio Martins Filho:** p. 65; **Para Anderson B. Horta:** p. 65; **Para A. C. Osório:** p. 66; **Para Edson Guedes de Moraes:** p. 66; **Para Moacir Felix:** p. 67; **Para Nilto Maciel:** p. 67; **Para Abelardo Vasconcelos:** p. 68; **Para Marly Vasconcelos:** p. 68; **Para Lêdo Ivo:** p. 69; **Para Linhares Filho:** p. 69; **Para Luciano Maia:** p. 70; **Para Majela Colares:** p. 70; **Para Iranildo Sampaio:** p. 71; **Para Jaci Pereira:** p. 71; **Para Jorge Tufic:** p. 72; **Para José Alcides Pinto:** p. 72; **Para Che Guevara:** p. 73; **Para Domingos Carvalho:** p. 73; **Para Hélder Souza:** p. 74; **Para Horácio Dídimo:** p. 74; **À Memória de César Coelho:** p. 75; **Para César Leal:** p. 75; **Para Carlos Augusto Viana:** p. 76; **Para Carlos d'Alge:** p. 76; **Para Artur E. Benevides:** p. 77; **Para Augusto dos Anjos:** p. 77; **Para Caio Porfírio:** p. 78; **Para Cícero Acaiaba:** p. 78; **Para Natércia Campos:** p. 79; **Para Sânzio de Azevedo:** p. 79; **Para Pedro Paulo Montenegro:** p. 80; **Para Virgílio Maia:** p. 80; **Viagem no Arco-Íris:** p. 81; **Soneto da Ceia:** p. 81; **Elegia dos Portões Retos:** p. 81; **Uma Taça de Vinho:** p. 82; **Versos para um Tigre:** p. 82; **Cântico do Mar:** p. 83; **Viagem no Arco-Íris:** p. 83; **Alto Risco:** p. 84; **Azul Lejo:** p. 84; **Orquídea Azul:** p. 85; **Azulejo Romano:** p. 85; **Diálogo com CDA:** p. 86; **Morte de Meu Pai:** p. 86; **Soneto com Mote de Camões:** p. 87; **Soneto da Eternidade:** p. 88; **Vinho de Azulado Aroma:** p. 88; **Testamento:** p. 89; **Filho Pródigo:** p. 89; **Visão Dúplice:** p. 90; **Ulisses e o Mar:** p. 90; **Soneto de Granada:** p. 91; **Noturno de Ouro Preto:** p. 91 a 92; **Tigre:** p. 93; **Nordeste:** p. 93; **Namoro Uma Nuvem:** p. 94 a 98.

Sonetos a Camões

1

Ó ilustre peito de Camões. Eu vejo
o sol do império arder como um fanal.
Das videiras banhadas pelo Tejo
é o vinho que se bebe em Portugal.
És o augúrio mudado em profecia,
a flauta do pastor e seu punhal.
Cimento e voz da lápide vazia
de um deus que sucumbiu ao madrigal.
Teu coração é o mar de Portugal,
as terras descobertas e a ousadia
das velas enfunadas de Cabral.
Ditoso o céu que agora te alumia,
ó alma de Camões, nume ancestral.
Tumba em que a eternidade principia.

2

Olhos do amor te causam desvarios,
flechas que dilaceram no desterro.
Olhos que em Babilônia são dois rios
cujas águas deságuam no Mondego.
Olhos de amor são dois gentis arautos,
quem os fitar que o faça com cautela.
Teu verso assusta os mouros insensatos
que dormem nas ameias de Castela.
Por onde andaste andou o desatino
que ora os vivos alegra, ora os enleia
e a saudade dos vinhos e da corte.
Não te fez sombra o arauto florentino.
Homero é teu parselho na epopeia,
e outros em quem poder não teve a morte.

3

Por decreto do rei, cumpriu-se o fado.
Foste enviado para o exílio em Goa.
Longe da Pátria, voltas ao passado
e para a amada o pensamento voa.
Teu canto, agora, é arrulho desolado
de ave perdida que no céu procura
estrela onde pousar o olhar cansado
mas nada encontra, além da noite escura.
Teu pranto se mistura ao dos mortais,
que se amofinam quando estão ausentes
do amor de menos ou do amor demais.
Nos versos teus o império se alargando,
os muros de Sião e os seus portais
se vão da lei da morte libertando.

4

Cantor da aurora e do dourado estio,
dessas águas heroicas, dessas lendas
que nos falam das ninfas e do rio,
de grinaldas de espumas e oferendas.
Cantaste o ousado amor, nume arredio,
o Tejo audaz, o venerável Douro,
essas noites de enleio e desvario,
o pensamento incerto e o duradouro.
Lisboa entre suspiros rememora
o rumor dos teus passos na refrega
contra a arrogância da emboscada moura.
Pajem do amor, teu coração se alegra
para brindar à fronte cismadora
da filha de Maria Bocanegra.

5

Aqueles por quem foste combatido,
reinóis de olhar pomposo e virulento,
passaram mais depressa do que o vento,
do que a sombra de um mouro foragido.
Passaram como as águas ao relento,
sem que do céu o espanto refletido
ficasse a reluzir por um momento...
Ossadas de um fulgor nunca existido.
Sobre as cinzas dos grandes do momento
passa o tropel dum sonho espavorido,
rumo a um lago de insônia e esquecimento.
Só teu canto ficou. Só teu gemido
não foi arrebatado pelo vento
nem será pelas gentes esquecido.

6

Cantor do ilustre peito e dos infantes
de Portugal, barões assinalados.
Cessam dos reis os passos retumbantes
no limiar dos mármore calados.
Calaram-se os clarins antepassados
e a belicosa grei dos navegantes.
Versos da oitava rima são lembrados
pelos jograis de todos os quadrantes.
Natércia não morreu, amada intacta.
A boca insigne recupera a chama
que empalidece os astros, como dantes.
Aquele cuja glória se recata,
sendo o maior dos lusos pela fama,
foi o mais desditoso dos amantes.

7

Foste enterrado na esquecida vala
para onde vão as cinzas da pobreza.
Soturnamente, na sinistra sala,
soluça uma guitarra portuguesa.
Vão do Mondego as águas da tristeza
velar teu corpo aos ventos da cabala.
Soluça o Tejo, e o seu clamor se iguala
à dor do abismo e à dor da profundez.
Soluça o Tejo, e a triste correnteza
passa em teu corpo, na esquecida vala,
para onde vão as cinzas da pobreza,
depois que o exausto coração se cala.
Soluça uma guitarra portuguesa
soturnamente na sinistra sala.

8

Por vento alheio e por alheio mar,
vais navegar nas águas do desterro.
Desde então não cessaste de enviar
mágoas às claras águas do Mondego.
Sôbolos rios que vão de Lisboa
desaguar no teu peito de andarilho,
teu pensamento enamorado voa
para junto do amor, dourado exílio.
Cansada a musa, não do puro canto,
que em ti se fez segunda natureza,
mas de cantar à gente endurecida,
teu verso é agora amargo desencanto.
Sobre ti, desce a noite desmedida
de uma austera, apagada e vil tristeza.

9

A glória passa, passa o encantamento,
como o espectro da luz por uma teia.
As ilusões são folhas desse vento
que passou soluçando pela aldeia.
Sob essa laje de água e esquecimento
uma tocha de espigas te clareia.
Dos versos teus o claro movimento
persiste em clarinadas de epopéia.
Passou o exílio, a grei desconhecida,
passaram sóis e os féretros dos reis.
Passaram fidalgotes e monarcas
de peito ousado e mente empobrecida.
Porém teu canto ainda celebra Inês,
o amor e o Tejo e as lusitanas barcas.

10

Ó provedor dos defuntos e ausentes,
em teu breve percurso de aventuras
cantas o amor em madrigais ardentes
que as estrelas se apagam nas alturas.
No meio de outros climas, de outras gentes,
a pátria evocas nas canções mais puras.
Os segredos da corte estão presentes
nos olhos negros das infantas lusas,
que aos ingênuos preferem os mais valentes.
Biltres e reinóis te invejam. Seduzes
nas tascas do Rossio ou nas correntes
do mar deitado em velhas sepulturas.
Em noites de presságios e de agouro,
cordas soluçam nas canções do Douro.

Uma Foice de Plumas

1

Fluir do vento, espaço que se inventa
como se fosse estranha catedral.
Galope azul dos potros de cristal
da chuva que me ceifa e me apascenta.
Vento que acende as barbas do ancestral
e move as asas negras da tormenta.
Os anjos rebelados e a polenta
desta espera que dói como um punhal.
Vento que arrebatou meu pai e o leva
na espuma amordaçada do oceano,
entre barcas sangrando e a aurora lenta.
Vento acendido nos vitrais da treva.
Almas acorrentadas a este arcano
da chuva que me ceifa e me acalenta.

2

Chuva que sai cantando do algeroz
uma canção para que o trigo cresça.
O canto dessa chuva é uma promessa
da fala soterrada dos avós.
Chuva para que a infância reverdeça,
e reverdeça o amor em nossa voz.
A nuvem que acompanhas é a cabeça
de algum centauro que fugiu de nós.
A chuva é uma velhinha friorenta
que em seu tear de prata tece a teia
dos que secaram na estação veloz.
Enquanto o trigo cresce e a chuva aumenta,
meu coração se veste para a ceia
da fala soterrada dos avós.

3

Enquanto a chuva canta no telhado
meu corpo ardente brota e reverdece.
E os cabelos são cachos desta messe
do teu ventre maduro e pendoado.
Enquanto a aranha do desejo tece
a misteriosa teia do pecado,
a chuva entoia um canto alucinado
para brindar tudo o que amadurece.
Amadurece a insígnia do pecado
e os frutos da volúpia insatisfeita,
a verde veia e as asas da garganta.
Amadurece o seio iluminado
pelas pestanas úmidas de seiva,
enquanto a chuva no telhado canta.

4

Esta casa é uma barca em movimento
que vai do olvido para estranhos portos.
A quilha dessa barca corta o vento
rumo a um país de tripulantes mortos.
Os lençóis são as velas enfunadas
dessa barca boiando nesta noite.
Velas das nossas lendas destroçadas
por um verão lunar de aurora e foice.
Num salto azul de pégaso veloz
essa barca me leva por um rio
sem fim, cuja nascente e cuja foz
ao meu sangue estão presas por um fio.
Um fio dessa teia ou dessa lenda
que não se sabe e nunca se desvenda.

5

Teu corpo é uma lavoura que se deita
onde os cachos da vide ardem de noite.
O desejo é um centauro que me ceifa
como se fosse o gume de uma foice.
É uma província nos confins do Minho,
na curva azul de algum verão lunar.
E me entontece como o verde vinho
que fermentou nos tanques de um lagar.
Meu amor te procura em movimento,
além do gesto, além da pura oferta
dessa nudez de pálpebra entreaberta.
E essa procura exalta o meu tormento.
Posto que amor, tecida a teia pura,
não dure mais que o tempo da procura.

6

Carrego os mortos dentro dos sapatos.
Levo a memória dessa romaria
de cinza e vento e aflita simetria.
Chego a roçar nos seus perfis abstratos
que se evaporam na amplidão vazia.
Meus passos tecem a teia de seus atos
na pedra que soluça e desconfia.
Os mortos que se ausentam dos retratos
são feitos dessa ardente romaria
da nuvem que galopa em seu cavalo
para os confins de alguma dinastia
que há de nascer das plumas deste dia
ou desta noite acesa no intervalo
entre esta espada e a crista deste galo.

7

Este mistério azul, alvo alvoroço
do teu andar de pássaro, gaivota
florindo nas falésias, o pescoço
volúvel de plumagem poliglota.
O arquejante seio, a ondulada rota
dos cabelos e os ombros conduzindo
a alba para o mar, e essa remota
vontade de esquecer o sonho findo.
Do teu andar de vaga vagarosa
onda assustada de amargoso mar,
um deus me acerta a seta venenosa.
Teu coração é um barco que balouça
no Cabo das Tormentas sem luar
dos negros hemisférios desta moça.

8

Hora azul para o gado que se deita
a ruminar insônias de capim.
Aldebarã parece que foi feita
de uma brancura antiga de marfim.
Na tarde carregada pelas aves
a face do ancestral passou por mim.
Na cova, em vez de flor, restam saudades
e os ossos espectrais de um bandolim.
Veio de outrora o linho dessa teia.
O dedal que teceu corpo e memória
teceu também a oculta simetria
de que em mim foi razão e foi ideia.
Hora azul para as crinas desse instante
em que me agarro ao tempo ruminante.

9

Teu vasto coração, Pablo Neruda,
era um país soprado pelos ventos
do mar e pela insônia carrancuda
da alma milenar dos elementos.
Era um país guardado pelos grandes
deuses de pedra de perfis sombrios
debruçados nos píncaros dos Andes.
Um país fecundado pelos rios
e os regatos tangidos pela aurora.
Um país de castelos sem ameias
onde pastavam éguas cor de estanho.
Teu coração era um país de aldeias
onde o pastor, de volta do rebanho,
vai às taças dos seios da pastora.

10

Flor de paul, insigne cacatriz
regada pela baba dos anuros.
O alfange azul destes cruéis perfis
de princesas e os verdes caramujos
sob as patas da estátua sem nariz
e a linfa desses faunos prematuros
a escorrer do meu corpo e da raiz
destas pedras propícias, destes muros
de musgo e vento, e esta alvejante ossada
do arcanjo de semblante duradouro
que de Gomorra veio pela estrada
da fonte a arder na pedra soterrada,
tumba de Inês mudada em miradouro
de amor, que é meu tormento e meu tesouro.

11

Quando chegar o tempo do plantio
quero enterrar meu sonho nesta gleba.
Meu sonho e estas visões carbonizadas
pelos ventos peludos desse estio.
Aqui verei meus mortos despertados
pelo nitrir fegoso da alimária.
A ovelha e o boi pastando a eternidade
e as papoulas de arame dos cercados.
Quero enterrar meu sonho e meu suor
nesta gleba adoçada de formigas
onde a aranha teceu seu devaneio.
Aqui virão as cabras do pastor
balir ao sol das ilusões antigas.
Pastar canções e espigas de centeio.

12

Pelas rubras arcadas deste sábado
o amor acende as achas do seu fogo.
O céu clareia a ensanguentada efígie
da face encanecida do afogado.
Depois do amor, com seu perfil ardente,
a paz dos astros arde nas alturas.
Crinas fogosas pastam pelos campos
o sigilo da aurora e da semente.
Beberei deste fel o sumo e a borra.
Quero brindar às núpcias do profano
que há neste azul de orgasmo e devaneio.
Pelas rubras arcadas deste arcano
meu sonho há de fugir por onde veio
o arcanjo foragido de Gomorra.

13

Esta noite é a ossatura iluminada
de um deus que nos baniu da escuridão.
Vaga infância dos potros e essa mão
que se alça sobre mim. Signos da espada
e do alfanje. A epopeia dos centauros
que me fez invencível paladino.
Amei os bichos da terra, alimárias
de capim, tangi rebanhos. Um sino
os tangeu por mim. Flecha em movimento,
um pássaro esfacela a aurora ávida
do sangue dos heróis. Caules de vento
crescem no imprevisto. Vem, sóror pálida,
a lua dos hebreus, paloma incauta
que se enamora ao canto de uma flauta.

14

Lavra em nós o mistério como um fogo
saído dos abismos da memória.
No coração arde a secreta aurora
das palavras e seu sombrio jogo.
Nesse deserto um potro nos arrasta
para os confins do assombro inesquecível.
Um rio corre em nós e em nós deságua,
como uma fonte canta em seu declive.
Um anjo nos visita e não sabemos
qual seja a face em que reluz o signo.
Talvez não tarde a tarde dos crisântemos,
pálida flor do paladino insigne.
Desse linho do ardil se faz a toga
do abismo que responde e que interroga.

15

Na noite salitrosa canta um galo
e a linfa do seu canto acende a treva.
A flor do enigma apodreceu no talo
dos altos girassóis da primavera,
que são brasões de antiga dinastia.
Noite de augúrios, bandolins e adágios,
que a janela da infanta está vazia.
O galope vermelho dos centauros
desfaz a escuridão. Ranger de aldravas
acordam gnomos pelas horas mortas.
Do cedro em fogo chegam-me as palavras
que vão me abrir as tenebrosas portas.
Um galo canta, e o seu clarim clareia
muralhas mouras ao redor da aldeia.

16

As copas sazonais já não reluzem.
Dantes o orvalho, aranha cristalina,
me aprisionava numa teia azul.
Os cataventos lembram monumentos
que o vento destroçou. Junto à cisterna
dança arcaica de sapos corrosivos.
As rãs arranhando as lisas manhãs
de chuva, deglutindo a hora eterna.
Lavadeiras de coxas de argamassa
nos alvejavam com sabão, o anil
do seu amor e os peitos de potassa.
No apêndre o cheiro do suor hostil
dos cavalos de crinas decepadas.
O luar clareia um réptil nas estradas.

17

Essas luas do persa adejam como
pássaros celebrados pelo fogo.
Dispôs o deus que se cortassem logo
estas cabeças bêbadas de gnomos.
Luas circuncidadas pelo alfanje
dos bardos, luas que o simum dispersa
pelos caminhos onde andou o arcanjo
recolhendo elegias para o persa.
Luas comidas pelos répteis, luas
amordaçadas pela simetria
das catacumbas de argamassa e linho
onde se entrega o corpo à terra fria
para as deusas de seios de papiro
ceifados pelas âncoras do Nilo.

18

Estas palhas e os bichos que te cercam.
E o mistério que em teu olhar ardia.
Noite de claridades genuflexas.
O clarim dos arautos anuncia
a vinda do teu corpo emancipado
pelo amargo esplendor da profecia.
A solidão e o sangue derramado
na terra empobrecida que te ungia.
Os signos desta noite de estupor
e o sudário embebido de agonia.
Do lenho escuro vai brotando a flor
calada do perdão. Negra heresia
dos judeus que te afligem. E dos outros
que vêm da aurora em seus velozes potros.

19

Mãe Chiquinha era negra das que alvejam
como algodão, lavoura encanecida.
Do seu cachimbo é que escorria o leite
que amamentava o tempo e nossa vida.
Vem da selva o sombrio devaneio
que aprendeu com seus mitos soberanos.
Os braços, que se adoçam como um seio,
nos falavam do amor e seus arcanos.
Dos beijos pendurados a ternura
jorrava sobre nós, os seus meninos,
num jeito azul de água distraída.
Água de que bebemos, linfa pura
a escorrer dos teus seios cor de limo,
como a irrigar o tempo e nossa vida.

20

Adeus, ó Esteves, que resolves ir,
com teu cigarro aceso, a algum lugar
distante deste sonho e deste mar
léguas do meu cansaço de partir.
No bojo desta nau há de levar
meu tédio destas velas por abrir
e o meu perfil rupestre de faquir
sorrindo para a escória milenar.
Adeus, ó Esteves, que a sorrir te vais
indiferente à inútil metafísica
do tempo acorrentado a essa utopia
das nossas sensações fundamentais.
Teu lenço azul de monograma e tísica
me acena à porta da tabacaria.

21

Da noite acorrentada escorre a chuva
sobre a face veloz dos ancestrais.
Um galo expulsa o arcanjo taciturno
com seu clarim de plumas imortais.
Tangidas pelas crinas de uma nuvem
sombrias arrastam sedas pela sala.
Cresce o clamor das vigas que soluçam
ao peso da memória que se cala.
Ave agoureira molemente voa.
E o rumor da sinistra cantilena
como que corta a alma pelo meio.
Um vento esguio nos cristais ressoa.
Erram nos quartos vultos de alfazema
e um cheiro milenar de palha e seio.

22

O verão começou de reluzir
no metal destes dias por ceifar.
Meu sonho é um barco estando a balouçar
à espera da saudade de partir.
Sazão das horas, lento sazonar
da fonte que se esgota de fluir.
Tropel de cavalos a perseguir
éguas por muitas léguas de luar.
Eiras dos meus desejos outonais
onde o anseio se doura e agora a flor
da insônia abre uma fenda nos vitrais
do meu assomo sem nenhum fulgor.
Sazão do lenho aceso nos umbrais
da inatingível catedral do amor.

Elegia da Casa Velha

1

A casa são as portas e as escadas
as sombras e os silêncios e os mormaços.
E esses espectros que semeiam passos
num jardim de memórias desfolhadas.
É o cedro dessas vigas que trescala.
É o pórtico de pedra e esta candeia.
São os mortos que chamam para a ceia
e as vozes que soluçam nesta sala.
São sensações, destroços de escultura.
Sons de cristal, balidos de água clara,
palpitação dos meus lençóis de linho.
A casa é o vento insone que perdura
para além dos veios do luar, para
além das sete cruzeiras do caminho.

2

Minha casa são velhos cataventos
palpitação de arrulhos nas janelas.
E essas fotografias amarelas
dos que agora são deuses sonolentos.
Minha casa é remanso e pastoreio
da infância veloz. Concha onde me guardo
das seduções do eterno devaneio.
E o refúgio secreto do bastardo.
Minha casa era grande e agora é pouca.
Cantava um deus no bronze dos ferrolhos
(divindade esquecida das montanhas).
Este soluço preso em minha boca
este pranto escorrendo dos meus olhos
esta saudade ardendo nas entranhas.

3

Minha casa sou eu e as minhas vozes
que o tempo ainda preserva. Minha casa
são murmúrios de pássaros velozes
roçando a noite com sinistra asa.
Minha casa sou eu e os meus sentidos
e as estações num carrossel de glória.
Os passos do ancestral repercutidos
no incerto pensamento e na memória.
Gosto de ouvir o devaneio imenso
desta casa espectral, que o luar clareia.
Esses fantasmas de esquecidas eras
que arrastam pela sombra o seu silêncio.
E os passos de meu pai, passos de areia
rumo à noite infinita das esferas.

4

A casa é minha pele e meu olfato
e o sangue que circula em minha fala.
Sou eu quem come a ceia neste prato
e pastoreia o morto nesta sala.
Aonde vou a casa me acompanha
com seu odor de bicho acostumado.
Levo-a na luz dos olhos e na entranha
ferida pelo estigma do pecado.
A casa e sua ossada de elefante
da mesma cor do mel de jandaíra
que faz inveja ao ouro mais brilhante.
A casa me ruma e me respira
com seu nariz de velho ruminante
que sente o odor dos campos de safira.

5

Foi morada hibernal dos vagalumes
dos grilos, das abelhas, das formigas.
Hoje o telhado despencou das vigas
e a casa inteira me recende a húmus.
De vez em quando algum presságio corta
a solidão dos quartos. Asa suja
que vem da treva em forma de coruja
e sai repentinamente pela porta.
Às vezes corta o espaço longo pio
de ave agoureira, que estremece as almas
e pela porta bruscamente sai.
Por toda a casa passa um calafrio.
Pela estrada espectral das horas calmas
vagueia a sombra errante de meu pai.

6

A casa e o seu velame de navio
a casa e o seu cansaço de ancorar
a casa e o seu barbudo senhorio
a casa e o seu terraço para o mar.
A casa e o seu odor de ruminante
a casa e o seu perfil de ventania
a casa e o seu passado flamejante
a casa e o seu futuro de agonia.
A casa e o seu letargo de mamute
a casa e o seu desmaio repentino
a casa e o seu secreto pastoreio.
A casa e esse fantasma de menino
que foi pastor de Booz, que amava Rute.
A dos olhos de arcano e ardente seio.

7

A casa tem pilastras de cimento
marcas de infância impressas nos portais.
Janelas inclinadas para o vento
e portas para a noite e os temporais.
Tem vertentes brotando das paredes
e coruja escondida no algeroz.
Tem musgo e sombra nas entranhas verdes,
calmarias de lápide na voz.
A casa vive imersa num letargo
com seus numes chegados de outra esfera
e aparições fitando a escadaria.
À luz da tarde a casa é uma fogueira.
Ao sol da noite o frontispício largo
catedral tenebrosa da agonia.

8

Paredes de robusta alvenaria
pulverizadas pelo raio e a chuva.
Onde era a sala, a pródiga saúva
plantou de vez a negra hierarquia.
Ronda o caruncho as portas de imburana
e o cedro dos esteios vai tombar.
Pelas frestas das telhas o luar
dança abraçado à verde jitirana.
Ave espectral de pálpebra amarela
pousa nas vigas com rumor de ferro
que se partiu nos pulsos de um bastardo.
Vendo esta casa arder, eu também ardo.
Também coloco o fumo na lapela
como se me vestisse para o enterro.

9

Quando eu era menino e tinha asa
um anjo insone pastorava a gente.
Hoje as vacas passeiam lerdamente
nos quartos de dormir de nossa casa.
Antigamente, tantos devaneios
de olhos fitos na bússola dos astros.
Hoje o cupim se nutre dos retratos
e dos toros de cedro dos esteios.
Ontem foi Deus, montado no seu burro
que deixou este emblema de palavras
esculpido no lenho dos portais.
Hoje é o vento que, em lúgubre sussurro
de misereres, súplicas e aldravas,
celebra intermináveis funerais.

10

Ouçó o vento zumbindo em cada telha
e a chuva com seu látego veloz
açoitando a escuridão. Ouçó a velha
fala do abismo despertar em nós.
Ouçó o germinar dos grãos. Ouçó a asma
dos gonzos soluçando noite adentro.
Ouçó a esfera escapando do seu centro
e os passos compassados do fantasma.
Ouçó a reminiscência dos avós
trespassando a metáfora ilusória.
Ouçó a aranha tecer seu sonho lindo.
Ouçó o pranto escorrer de nossa voz.
E o clamor dessa voz aterradora
pelos rios do tempo se esvaindo.

Elegia para a Mãe Morta

I

Os grandes rios passam pela aurora
e vão levando a tua face antiga
para os confins do Tempo e de outra vida.
E vão levando a pobre infância embora.
Foi-se o esquife de vento, virou palha
talvez remorso a caminho da tumba.
A memória da alma é mais profunda
que os profundos espantos da mortalha.
Teus passos repercutem no caminho
juncado de lembranças e de nomes.
Agora o céu são pálpebras insones
te agasalhando em seu noturno linho.
Preparai-vos para o tempo da ceifa
do adeus das mães, do seu secreto leite.

II

Eis que se acaba o longo pastoreio
de tudo o que amou. Os filhos, a casa
o som das coisas e a vertente clara
que espelha o céu em seu florido seio.
Amou a terra cheia de verrugas
onde os cardos florescem. Os alpendres
a alba das ovelhas e essas lendas
na pele ensolarada de seus ubres.
Amou os ventos ásperos do estio
e as tardes trespassadas de heliantos.
Amou a chuva, a harpa desses campos
e a estrela Vésper, que afundou no rio.
Mais do que tudo amou certo Profeta
que guardava sonetos na gaveta.

\

Serenata Medieval

I

O som da fonte, o canto da roldana,
a brisa que nos campos devaneia:
tudo se cala, tudo se engalana
para vê-la passar rumo da aldeia.
Felizes os que a veem toda a semana
regar a messe e os passos que semeia.
Se os vestidos lhe roça mão profana,
arde-lhe a fronte e seu olhar se alteia.
Mais sutil do que os raios da neblina
e o roçar dos cabelos na vidraça
misturados à estrela matutina.
Assim é minha amada quando passa
a caminho da fonte, onde se inclina,
corpo de luz tocado pela graça.

II

O andar da minha amada se compara
ao marulhar da onda vespertina.
Quando ela passa, a estrada se enluara
e a noite insone desce da colina.
Quando a porta do abismo se escancara,
o seu andar governa a minha sina
com o rigor do tempo, que não pára,
e a pulsação da luz, que não termina.
Na terra em que ela pisa brotam veios
do mais puro cristal, palpitam seios
tocados pelos dedos das raízes.
O andar da minha amada crava o espinho
do amor no coração: parece o vinho
que os deuses bebem quando estão felizes.

As Esquinas do Vento

1

Vimos da pedra e à pedra regressamos
nas asas de uma nuvem rococó.
O inferno nos acena com seus ramos
de ouro. A alma é ávida e está só
entre deuses e arcanjos redimidos
pelo sangue do homem. Somos essa
vaga ancestral de mares esquecidos.
A morte é mais olvido que promessa.
Somos o acaso urdindo a eterna trama
do tempo. O acaso, engrenagem silente
tecendo em nós a túnica do hábito.
Somos fanal de tenebrosa chama.
Passamos todos, incessantemente,
pelas águas desse rio de Heráclito.

2

Eterna majestade que acabrunha
o homem desde a mais remota origem
esta esfinge abissal me dá vertigem
como os olhos azuis da Catalunha.
Os passos ofegantes desta sombra
em noites de fantasma rococó
são, talvez, dum monarca que ainda sonha
com seu fausto de Ofir desfeito em pó.
As aranhas do instante urdem seu fio
de prata milenar e seda antiga.
Quando o outono chegar depois do estio
colherás utopia em vez de espiga.
Eterna majestade que apavora
os filhos desta argila sem memória.

3

A vida é uma lavoura de utopias
que às vezes é preciso cultivar.
Não basta urdir os incessantes dias
do tempo, nem a esfera milenar
nem esses dedos fúnebres da rosa
nem a água que imita a cimitarra
da lua, nem a pompa indecorosa
dos reis, nem a memória que se agarra
ao casco dos navios, nem a porta
do recinto espectral, nem os rubis
de que são feitos os olhos da morta
nem as marcas do incesto nos perfis.
Não basta urdir o tempo nem seu linho
de cristal, nem flor de secreto espinho.

4

A chuva já cessou, e os verdes campos
são feitos de estilhaços de cristal.
Ruivos caprinos pastam seus espantos
de remota alvorada pastoral.
Paira uma epifania de zumbidos
pelo ar. Asas de assomos repentinos
exibem seu bailado a um céu de olvidos
onde os astros são olhos de meninos.
A chuva já cessou, e uma cascata
de espuma vai jorrando de uma curva
de pedra cinzelada por vassalos.
A alma das vertentes toca flauta
celebrando esses pórticos da chuva
e o noivado selvagem dos cavalos.

5

Eu vou te celebrar com minha avena,
videira de Engadi que explode em brotos
e pregar o espanto dos meus olhos
aos teus olhos dourados de falena.
O inferno é me lembrar do corpo amado
varando a noite e seus confins alheios.
É viver sem ter sido assassinado
por esse alfanje erguido dos teus seios.
É não ter mergulhado fogo adentro
nos píncaros sagrados da vertigem.
Dessa fornalha acesa que é o teu ventre
de mulher trespassada em noite virgem.
O inferno é andar morrendo de que morro
uivando para o céu feito um cachorro.

6

Somos essas argilas da incerteza
perambulando sob os céus vazios
que mudam como as águas passageiras
de um rio que se forma de outros rios
e que deságua nesse mar de vidro.
Somos essa nuvem que se evapora
pelos confins de um tempo acontecido
de que não resta mais sombra ou memória.
Somos a água, o subterrâneo veio
que um dia acordará do sono invicto
no coração da rocha milenar
para urdir seu secreto devaneio
e mergulhar no mistério infinito
desse outro abismo que suplanta o mar.

Filhos do Vento

1

A ramagem do vento agita os lagos
e os sinos pendurados nas igrejas
cor de ocre. Funerais e ladainhas
pelas naves caiadas vão subindo
rumo ao céu encarnado de setembro.
A santidade exhibe essa volúpia
de noivas cortejadas pelos anjos.
Andorinhas de volta ao campanário
cobrem as estátuas com seu limo negro.
Os domingos grudados nas paredes
pelas naves caiadas vão subindo.
O vento é alguma ovelha tresmalhada
de volta à flauta e aos olhos do pastor
que das alturas vela o seu rebanho.

2

Os pássaros são os anjos da terra.
Fazem seus ninhos dentro das igrejas
e põem seus ovos nos beirais das casas
onde a chuva os embala o tempo inteiro.
São criaturas de argila fecundada
pelo pólen dos astros e dos deuses.
Quando os sinos repicam, anjos pássaros
pelas naves caiadas vão subindo
rumo ao céu de Penélope e de Homero.
Ó pássaros vestidos de argonautas
remai com vossas plumas, vossas penas
para que as ondas desse mar do tempo
não caiam sobre nós nem nos transformem
nas estátuas de pedra do Vesúvio.

3

O rio vai passando pelas águas
e as águas vão passando pelo rio
onde os homens se afogam, se convertem
em corpos mutilados de meninos.
Nas águas desse rio não te banhas
mais de uma vez. São águas que não se
repetem. Cavalos alucinados
em cavalgada para o mar de Ulisses.
O rosto dessas águas me recorda
me viu pela janela envidraçada
de um sonho sem pilastras, sem paredes
sem quartos para os ritos da volúpia.
Rio-Mulher que me ofertou seu vinho
na noite antiga em que voltei de Troia.

4

Odor de barro chega das taperas
trazido pelo vento e pela chuva.
Abril semeia um rastro de aleluias
no espaço constelado de utopias.
O sol dardeja e a vida nos trespassa
com seu punhal de aromas e zumbidos.
Borboletas vestidas de medusas
suspensas das arcadas do equilíbrio.
As éguas negras são do faraó.
Pastam miragens ao luar do cio
e o tropel dos cavalos seduzidos.
Cigarras erguem seu clamor metálico.
Jorram augúrios dos olhos dos lagartos.
O chão molhado cheira a palha e seio.

Pórtico de Cinzas

I

Somos náufragos do júbilo.
Ancoramos no amor ou num pórtico de cinzas.
Mas o amor nos afaga ou nos golpeia.
Somos caudatários do mito. Tudo
o que amamos com fervor, tudo o que tocamos
apodrece num cemitério de escorpiões.
Nem os frutos da estação morrem tão cedo.
Os nossos passos cavalgam por estranhos
caminhos, onde as árvores são vestígios
de esqueletos fenícios. Como resistir
à cólera dos deuses, se as nossas mãos
estão sujas de sangue? se profanaram
as orquídeas da volúpia? se partilharam
da ceia dos abutres e dos chacais?

II

Que sabemos de nossos pais e de suas
lavouras de areia? que sabemos da infância
soterrada num país de borboletas?
que sabemos do íncubo e do súcubo?
do vento e de sua foz, ou da montanha
acorrentada à nascente dos arroios?
que sabemos da salamandra e da fúria
dos deuses e dos homens? que sabemos
das emboscadas e das insidias do amor?
dos pórticos do êxtase? do desabrochar
das flores do sarcasmo? dos olhos
de absinto que nos espreitam com suas
retinas de areia? que sabemos do índigo?
do firmamento e da fogueira dos espelhos?

III

Nossos corpos são folhas de uma árvore
onde se deitam abutres e relâmpagos.
Folhas que tombam e mergulham num pântano
onde os peixes do abismo as dilaceram.
Nossos corpos são signos da sedução
e do pecado. Descendem da estirpe de Caim
ou de algum anjo expulso do paraíso.
Somos os convidados à ceia da fúria.
O vento apaga os nossos passos, semelhante
às fogueiras que devoram lascas de cedro.
Os nossos corpos recendem às vestes
dos reis levados pela barca da morte.
Os deuses nos afligem com as suas flechas
douradas e o tridente do sarcasmo.

IV

Nem o mais leve rumor de tua sombra
será ouvido na cidadela dos deuses.
Ninguém escutará o som de tua queda
quando as velozes carruagens passarem
com penachos cor de sangue. Ninguém
perguntará se morreste de fome ou
de estupor. Ou se foste arrebatado por
algum vento vindo do inferno. Ou se foste
assassinado à sombra de algum pórtico.
Ninguém saberá notícias tuas.
Nenhum telegrama anunciará o adeus.
Os lobos mastigarão as entranhas da noite
com seus caninos envenenados de ópio.
Mas não se ouvirá o rumor de tua sombra.

V

Quem nos guiará pelas águas revoltas
do abismo sem vértebras? quem levará
o rebanho das Valquírias para o redil
dos deuses? quem unguirá as nossas vestes
manchadas de luxúria? quem nos dirá
as palavras do cântico? a parábola
de fogo do Apocalipse? quem afastará
de nós o odor do pecado e da morte?
quem nos tomará pelas mãos quando tivermos
os olhos vazados pelos raios de Deus?
quem nos mostrará as sombras dos ressuscitados?
quem nos abrirá as portas do prodígio,
que vento algum derrubará? quem
nos entregará o signo e a chave do reino?

VI

O vento abalou os alicerces de tua
morada. Derrubou a porta fortificada
e todos os vigamentos de cedro. O refúgio
do gado e das ovelhas. Fez em pedaços
o rochedo onde brotam os mananciais.
As águas da fonte secaram, mas os teus
olhos saciarão a sede dos cabritos
paridos antes da aurora. O vento partiu
o caule das árvores vetustas, expulsou as águas
dos rios. Despedaçou os tombadilhos
dos navios e os barcos ancorados na angra.
O vento rasgou nossas vestes de areia
e apagou todos os signos da nudez.
Só não apagou as reminiscências da morte.

VII

O crepúsculo chega a passos lentos
como um velho mendigo que perdeu
a bengala e a memória. As árvores parecem
deuses sonolentos que beberam todo
o vinho de suas taças. Pássaros repentinos
devaneiam nos fios da rede elétrica.
O vento começa a tocar um adágio de Mozart
enquanto as ruas se enchem de passos
apressados, que respiram o pólen
do ar e da morte. As torres das igrejas
começam a repicar gorjeios de andorinhas.
O azul dispara flechas de ouro e prata
numa ovação de raios e de chamas.
Chega a noite com seu séquito de gnomos.

VIII

Hoje faz sol nos labirintos da alma.
Vou beber uma taça de júbilo em memória
dos deuses. A vida é uma nau sem rumo
que soçobra nas águas do Letes. Uma nau
de velas agitadas pelos relâmpagos.
Hoje faz sol em todos os mastros do dia
e é preciso beber uma taça de vinho
e brindar aos deuses. Flutua uma leveza
de pássaros no ar constelado de emblemas.
Um bêbado desenha passos sinuosos
na avenida. Moças de coxas esculpidas
ofertam aos que passam os pêssegos de Eros.
Hoje faz sol e o vento de abril fustiga
os velozes cavalos da carruagem do auriga.

As Vinhas de Eros

I

Tempo de limões verdes e de amoras
a recender aromas de luxúria.
Na fonte te banhavas toda nua
com teus pêlos dourados pelas horas.
Meus olhos mergulhavam cegamente
na selva emaranhada dos cabelos,
que jorravam da nuca sobre a espádua
em cascatas de espumas e novelos.
Tempo de limões verdes e de amoras,
de suspiros esmagados na boca,
de desejos que explodem nas retinas.
A flauta do adivinho já não toca
serenatas aos seios das meninas
nem às curvas douradas pelas horas.

II

Sou o jogral que dorme nas esquinas
onde os deuses fizeram serenatas.
Ouço o arrulho das pombas e meninas,
som de cristal polido pelas harpas.
A orquídea azul que emerge das areias
do deserto com fosforescências raras.
O mouro que adormece nas ameias
enquanto amola os gumes das adagas.
Fui adivinho nos serões das ágoras.
Estava em Delfos quando o rei de Tiro
cruza o Mediterrâneo numa barca.
Fui menestrel no tempo de Pitágoras,
cantei o amor em laudas de papiro
e os seios das amantes do Tetrarca.

III

Booz estava nos campos de centeio
e logo da estrangeira se aproxima.
Chega a pensar que o palpitar do seio
fosse o balir dos veios na colina.
Aos seus ouvidos o rumor das fontes
lembra o frescor da tarde que declina.
Pergunta ao vento, aos pássaros dos montes
se aquela infanta é sonho de morfina.
Ao refletir que a vida é lauda escrita
com suspiros de amantes e vogais,
disse aos deuses da esquiva moabita
e aos seus numes dos tempos de rapaz:
- este amor que em segredo me visita
há de ser para sempre ou nunca mais.

IV

Na vida andei por solitária estrada,
meus caminhos não foram de veludo.
Os deuses nunca me ensinaram tudo
nem que do amor nunca se sabe nada.
Em tua ausência pus os meus cuidados,
todas as horas, todos os minutos.
O mais alto dos galhos onde os frutos
dificilmente podem ser tocados.
Onde pus esperança e pus empenho,
meu sonho ardeu como se ardesse um lenho
entre as chamas do cedro perfumado.
Nada espero do augúrio do adivinho.
Não beberei da espuma do teu vinho
nem serei por teus olhos contemplado.

V

Incendeias desejos e suspiros
de sândalo nas tendas dos desertos.
Enfeitiçavas generais assírios,
arautos de Odisseu e de Laertes.
Chegam rapsodos dos bordéis fenícios,
bebem absinto nos teus olhos negros.
Hexâmetros de Homero são escritos
em teu louvor com sangue de borregos.
Os vinhos das adegas do salmista
não têm o mesmo aroma das amoras
aveludadas pelo canto dos veios.
Se o alaúde de Apolo me visita,
sou podador das heras e das horas
e dos brolhos das vinhas dos teus seios.

VI

Cavaleiro de uma Espanha romântica,
talvez jogral dos séculos vindouros.
Celebravas o amor ao som das cordas
das guitarras tocadas pelos mouros.
Dançavas teu bailado inverossímil
de fidalgo a serviço de utopias.
Imaginas que moinhos de vento
são muralhas de antigas dinastias.
Transformas camponesa numa infanta
acorrentada à sombra de um castelo,
com quem sonhas, em noites acordadas.
Tua espada de nobre de la Mancha,
teu Rocinante, esse cavalo eterno,
estão de volta à infância e às madrugadas.

Para Jorge Tufic

1

Babilônio sutil de queixo fino:
um verso assim ninguém jamais esquece,
tem a sonoridade de uma prece
que sobe ao céu nas asas do divino.
Um verso escrito por algum menino
nas paredes da casa que anoitece.
Uma rosa vermelha que estivesse
desabrochando em jarro cristalino.
Semeias madrugadas sonolentas
no espaço constelado de equinócios
onde as estrelas traçam seu destino.
Nas cordas das harpas e das avenas,
trazes o vinho nos cristais mais nobres
para as taças do amor e dos poemas.

2

Namoradas te acenam das janelas
com seus lenços de seda perfumados.
Os seios nus são frutos sazonados
para um pastor de saias e de ovelhas.
Essas maçãs não cabem nos decotes
dos vestidos de chita das meninas.
São pedras raras de escondidas minas
encontradas nas grutas dos serrotes.
No firmamento a noite já se espraia
com seus metais de espumas sobre a areia.
Luzes de azeite acendem para a ceia.
Ao sol da tarde um girassol desmaia.
Ao despertares da ilusória trama,
nódoas de orgasmo nos lençóis da cama.

Para Astrid Cabral

1

Em noite azul a carruagem passa.
O vento açoita a sombra da quadriga.
Nuvem parece objeto de argamassa
mas é o fantasma de uma coisa antiga.
A fera esconde os ossos da carcaça
como se guarda o ouro da jazida.
A estrela Vésper despencou do espaço
no galope de bronze da quadriga.
Em noite azul, os tigres acordados.
Nas clareiras se acasalam panteras,
de volta aos ritos de uma coisa antiga.
No céu bocejam astros apagados
de um tempo soterrado pelas eras
e as patas dos cavalos da quadriga.

2

O tempo passa, o tempo nos ilude.
O tempo nos pranteia a qualquer hora
quando amanhece, quando é noite escura,
quando a taça do amor nos comemora.
O eterno tempo escreve em nosso rosto
epitáfios de vento e primavera.
Rio de águas ardentes, nosso corpo
é fogo repentino que incinera.
Somos escravos do tempo que move
os nossos devaneios mais secretos
que escondemos à sombra dos espelhos.
O tempo nos enterra numa cova
com os versos que escrevemos e os sonetos
que foram novos e ficaram velhos.

Clara Sorrindo à Clara Correnteza

I

No dorso da colina repousada
meus olhos se demoram por minutos.
Entre os espinhos negros dos arbustos
semeiam flores para a minha amada.
Seus pés afagam rosas pela estrada
e as mãos recolhem súplicas e frutos.
Com ela vão passando esguios vultos
e a seda dos vestidos orvalhada.
Enquanto as madrugadas tocam harpa
e os rebanhos do sol descem da escarpa
para as núpcias dos ramos e dos brolhos,
minha amada passeia distraída
sem pensar que as tristezas desta vida
toldarão a alvorada dos seus olhos.

II

Fui procurar-te à sombra do arvoredo
onde alegres pardais fazem seus ninhos.
Falei de ti aos deuses passarinhos
mas eles me negaram teu segredo.
Quis ofertar-te a rosa dos caminhos
que passam pelas grimpas do rochedo
onde as nuvens do céu tecem seus linhos
e as borrascas do mar nos fazem medo.
Fui aos campos de Booz, onde as espigas
têm o calor de todas as fadigas
e a sedução de todos os pecados.
Mas nada achei, ó ceifadora esguia.
Só vestígios de ausência e a nostalgia
dos vestidos de seda amarrotados.

III

Se estou junto de ti, a vida é um hino.
Se te afastas de mim, a vida é um fardo.
És a chave do enigma do destino,
a que pressente as núpcias do leopardo.
Se o deus alado, o estúpido menino
em vez da rosa só me oferta o cardo,
tu me abrirás teu corpo de felino
e eu te darei meus versos de bastardo.
Sigo a curva ondulada desse monte
de treva que é teu ventre e me aprofundo
na busca de mistérios infinitos.
Meu coração, ó água dessa fonte
que move o amor e as dúvidas do mundo,
vai sucumbir a todos esses mitos.

IV

Não fosse amor uma ilusão falaz
que se evapora como a água e o vento.
Não nos vagasse o afoito pensamento
buscando amor nas plagas siderais.
Não fosse amor pedir merecimento
a quem ignora o mal que amor lhe faz.
Ver quão danosa a marca desse invento
no peito desvalido dos mortais.
Não fosse andar vagando nas estradas
onde ela andou roçando os seus vestidos
nas águas das vertentes apressadas.
Não fosse amor o inferno dos sentidos
para onde vão as almas namoradas
levadas por uns olhos distraídos.

V

Teu corpo é como um sol que se acendesse
e fosse arder num campo semeado.
Veio que irriga as vinhas do pecado
e as vertigens do céu quando anoitece.
Esplendor de cristal despedaçado
no limiar dos vértices da prece.
Tu me convida a esta secreta messe
guardada por um deus alucinado.
Tens a fragrância das marés, ó porto
da sedução. Mistérios que adivinho
ante a nudez de amêndoa e serenata.
Sou convidado à ceia do teu corpo.
Vou acender a lâmpada de prata
e vestir minha túnica de linho.

VI

O verde campo, a relva sossegada
o veio água, a fonte cristalina
o palpitar da estrela matutina
enchendo o céu de esplêndida alvorada.
O odor da chuva, a terra fecundada
flor que se alteia, rosa que se inclina
para escutar a música em surdina
de alguma flauta, em solitária estrada.
O gorjeio dos anjos pelas naves
a chama azul das lâmpadas suaves
do santuário erguido na colina.
Nada suplanta, nada se compara
ao despertar das pálpebras de Clara
à sedução do olhar dessa menina.

VII

Mudam teus gostos, mudam nossos planos.
Só tristezas não mudam de lugar.
Enquanto as águas correm para o mar
vão-se alegrias, voltam desenganos.
A que passa por mim sem me fitar
talvez ignore a causa de meus danos.
Ou não saiba que o peito dos humanos
é afoita nau de incerto navegar.
Causa é o amor de todas as desditas
(breves algumas, outras infinitas)
de que padece a frágil criatura.
Sombras de Deus, filhos do barro eterno.
Sabei que o amor costuma ser o inferno
do coração rendido à formosura.

VIII

Falei de Clara à clara correnteza
que passava veloz rumo do mar
e lhe contei que o olhar dessa princesa
não carece do sol para brilhar.
Falei de Clara ao vento e, com certeza,
ele cessou seu brando sussurrar
quando afirmei que a própria natureza
se sente venturosa de a escutar.
Falei de Clara à esfera iluminada.
E as estrelas ficaram comovidas
com tanta sedução, tanta beleza.
Desde então passam horas esquecidas
vendo o esplendor que cerca minha amada.
Clara sorrindo à clara correnteza.

IX

Arroio que gorjeias docemente
atravessando o vale adormecido.
O coração da amada é uma vertente
que deságua num cântaro escondido.
Mágoas secretas não me têm movido
a contar minha dor a toda a gente.
Confio meu segredo a teu ouvido,
arroio que gorjeias docemente.
Aquele que governa o meu destino
em meio às sombras deste mundo escuro
me tem rendido em caprichosa teia.
Chama-se Clara, aquela que procuro.
Seu olhar é um remanso cristalino
onde a infância dos deuses devaneia.

X

Clara tem devoção a Santa Clara,
a quem confia os pensamentos dela.
Quando ela reza, uma alvorada rara
incendeia as arcadas da capela.
A santa escuta as súplicas da infanta,
a prece comovida da donzela.
A moça pisca os olhos para a Santa,
a Santa pisca os olhos para ela.
Quando fala de amor, cantos suaves
descem do céu, se espalham pelas naves,
com tal dulçor que o espírito quebranta.
Ao palpitar do arcano que nos roça,
a Santa enxuga as lágrimas da moça,
recolhe a moça as lágrimas da Santa.

Veio o Pastor das Bandas da Judeia

I

Ó fonte e origem do perene amor,
que torna o abismo em messe pendoada.
Eu sou a tua ovelha tresmalhada
sedenta dos acenos do pastor.
Doce fanal que às vezes nos ofusca
outras nos guia a solitários portos.
Consolação dos vivos e dos mortos,
consente que eu te vença nessa busca.
Consente que eu não parta nessa hora
em que a luz é mais branda e sedutora,
em que um ninho gorjeia em cada ramo.
Se vires pela estrada algum mendigo,
Divino Amor, espera que eu te siga,
Divino amor, escuta que eu te chamo.

II

Eu falarei de amor tão docemente
que só o amor me seja arrimo e amparo.
Em verso brando e pensamento claro
louvarei o pastor de toda a gente.
Irei contigo ao fim do itinerário,
fiel à chama do teu sangue ardente,
que faz brotar das pedras a semente
e muda em flor a estrada do calvário.
Quando eu me for por essa senda inglória,
guia essa ovelha às relvas da memória
e às fontes que gorjeiam no caminho.
Se o fel da ausência umedecer meus olhos,
poda o vinhedo de dourados brolhos,
leva-me às bodas onde jorra o vinho.

Os dois últimos versos do primeiro soneto são de José Albano.

III

Te encontrarei na solitária estrada
onde o silêncio jorra das alturas
e saberás que a ovelha que procuras
volta ao rebanho para ser amada.
Se ponho o olhar na estrada percorrida,
se vejo a dor e seu cortejo imenso,
cada vez mais me alegre e me convenço
de que a ceia do amor celebra a vida.
Tu nos convida ao bosque dos arcanos.
Clareia as trevas para onde vamos
e a paz dos teus caminhos nos concede.
Ó pastor dos rebanhos e das águas,
dá-me a beber do cálice das mágoas
e que seja infinita a minha sede.

IV

Fui castigado pela chuva e o vento,
andei vagando em solitárias rotas.
Sou o mendigo que perdeu as botas
e foi dormir no seio do relento.
Te procurei à sombra dos ciprestes,
que me acenavam com seus longos braços.
Somente ouvi o arrulho dos teus passos,
roçando a fímbria de noturnas vestes.
Seguiste o itinerário da agonia.
Os teus caminhos nunca foram largos
nem isentos de mágoas e de injúrias.
Quando bebeste os cálices amargos,
pranto jorrou dos olhos de Maria
sobre o clamor e o trigo das centúrias.

V

Sujeito estou ao jugo do teu braço,
ao teu suave e doce pastoreio.
Sou a ovelha perdida que não veio
passar o longo inverno em teu regaço.
A noite é longa, chega-me o cansaço
nos olhos e a saudade do menino.
És a vertente, o veio cristalino
que me aplaca esta sede e onde renasço.
Leva-me à verde relva onde os rebanhos
escutam seu pastor e a doce flauta,
que os guiam pelos montes e colinas.
As nossas perdas se convertem em ganhos.
Salva do abismo os remos do argonauta,
a alma e a voz das coisas pequeninas.

VI

Há longo tempo espero a tua vinda
pela estrada que vai para Emaús.
No céu dos anjos já palpita a luz,
na sombra exausta não é noite ainda.
Andaste sobre as águas, pescador,
e as águas te obedecem docemente.
Os peixes vão contigo na corrente
e a corrente se espraia em teu louvor.
Meu coração anseia que já venhas,
que me dês a beber o fel da cruz,
esse amargor de esponja que não finda.
Tu me acharás na solidão das brenhas.
No céu dos anjos já palpita a luz,
na sombra exausta não é noite ainda.

VII

Veio o pastor das bandas da colina
com seu cajado e suas roupas velhas.
Veio tangendo as crias das ovelhas
para as livrar das aves de rapina.
O vento cessa e a noite se aproxima,
crivando o espaço de murmúrios vagos.
Chega de longe a música dos lagos
e o resplendor da estrela vespertina.
Veio o pastor dos vales da Judeia.
Seu rosto é igual à chama da candeia
ressuscitada pelo odor do azeite.
Ó pastor de chacais e cordeirinhos.
Leva-me a terra onde borbulham vinhos,
correntezas de mel, rios de leite.

VIII

Ó Cristo dos heróis e dos bastardos,
Cristo dos humilhados e ofendidos.
Pousem nos teus meus olhos distraídos
pelo fulgor de todos os letargos.
Cristo de Judas, Cristo de Mateus.
Cristo de Paulo, de João e Pedro,
que foi a pedra onde cresceu o cedro
até roçar nas vértebras de Deus.
Cristo que amou o vento e as coisas todas,
que fez da água o vinho para as bodas
e teve a face impressa em pergaminho.
Ó Cristo dos rebeldes e pacatos.
Cristo insultado aos olhos de Pilatos
e apedrejado ao longo do caminho.

IX

Meu coração tem sede de infinito,
de arder às chamas do infinito amor.
Em vão procura a estrela do pastor,
vinda à Judeia dos confins do Egito.
Ó pescador, me ensina as tuas redes,
teu jeito antigo de remar a barca.
Me ensina o testemunho dessa marca
de sangue impressa em todas as paredes.
Regressa logo à casa do teu servo.
Faminto estou do trigo do teu verbo,
quero regar teus campos de centeio.
Quero apertar as tuas mãos amigas,
ir às messes de Booz colher espigas
para a ovelha que volta ao pastoreio.

X

Ouçõ ainda o clamor de tua voz
quando pregavas dentro das aldeias.
Flamejavam teus olhos e as ideias
e o verbo era da estirpe do albatroz.
Onde passou a fímbria do teu manto,
onde a palavra ergueu seu estandarte,
o milagre floriu por toda parte
e a terra se cobriu de novo encanto.
Ao gotejar da areia dos minutos,
leva-me ao bosque de dourados frutos
onde ouvirei esse rumor antigo
de água jorrando aos lhos de quem amo.
Divino Amor, espera que eu te sigo.
Divino Amor, escuta que eu te chamo,

Os dois últimos versos do soneto X são de José Albano.

Nuvens Foragidas

I

Código da rosa que desabrocha
no caule do estio ou da primavera.
Rosa que se desintegra no caos
da nossa verticalidade efêmera.
Rosa aberta para as núpcias dos pássaros
e das colmeias. Rosa em polvorosa
e levitação. Rosa ao sol da úlcera
dos corpos devastados pelo átomo.
Rosa de Herodes, rosa de Hiroxima
transformada em centauro e cogumelo.
Rosa das rêmoras, rosa dos rumos
e das pedras raiadas de amarelo.
Rosa dos bastardos, rosa dos dardos
que dardejaram nos olhos dos leopardos.

II

A rosa nas manchetes dos jornais
dá novo aroma aos lábios da notícia.
Lembra a cavalgada dos querubins
rumo à Cabeleira de Berenice.
As pombas adormecem nos beirais,
as rosas amanhecem nas janelas.
O mito acena em forma de raposa
onde as rosas se afogam nas tigelas.
Rosa que afaga, espinho que magoa
são equações da mesma dialética.
Rosa do asfalto chega da ribalta
e volta à infância numa bicicleta.
Rosa da estrada que não se bifurca
no coração da bailarina turca.

III

Rosa dos metais, rosa dos fagotes,
dos violinos castrados pelas trompas.
Ó rosa dos tambores de Ravel,
colar de adágios de setenta contas.
Rosa dos mouros, rosa das adagas
escondidas nas rugas das ameias.
Rosa que vem do inferno numa barca
remada à noite pelas almas feias.
Rosa da volúpia, rosa das células
à sanha da matilha dos instintos.
Rosa dos cães mordidos pelos dentes
da lepra. Rosa espúria dos bordéis
onde uma esfinge espanca uma cachorra
por causa dos pecados de Gomorra.

IV

Rosa do acaso, rosa de topázio
nascida do galope de um centauro
quando as manhãs do abismo já raiavam
e Teseu trespassava o minotauro
com seu alfanje assírio. Rosa é o mito
sonhado pelos bardos e rapsodos
sob o luar das éguas e das ágoras
e pelos ancestrais dos visigodos.
Rosa é o mito esculpido nas muralhas
de Troia e nos túmulos de Corinto.
Fios de lã urdidos por Penélope
para os heróis e as clâmides do olimpo.
Rosa é o mito do amor que pastoreia
os mortos convidados para a ceia.

V

Rosa é o mugido das vacas sagradas
que pastam borboletas nas colinas
onde o lenhador enterra seus mortos.
É a língua das vacas que amamentam
os bezerros e a infância das meninas.
O arroio que arrulha. São os seixos
que fazem serenatas para as aves
e madrigais de espuma para os peixes.
O cântico das tardes de novena
nos campanários brancos dos caminhos.
As núpcias das aranhas, dos arados,
das andorinhas e dos andorinhos.
A lâmina do orgasmo, que ressoa
e decepa os brilhantes da coroa.

VI

Rosa é o mito do tempo, que esfarela
nossos mais esquisitos devaneios.
Da vida que se humilha e se abastarda
ou se converte em cinzas de uma vez.
O galopar da mula sem cabeça,
o espantalho sem braços e sem pernas.
As sombras dos ancestrs, refletidas
na pupila azulada das cisternas.
O mito da curvatura do espaço,
a lenda da quadratura do círculo.
Do pêndulo que oscila entre dois pólos
mas sempre volta ao ponto de partida.
Rosa é o mito do tempo, que esfarela
até mesmo a carcaça de uma estrela.

VII

Rosa é o mito do tempo, que não volta
e jamais desiste do seu percurso.
É mais veloz que o trote de um cavalo,
deixa marcas mais fortes que as dum urso.
É a vasilha onde se guarda a chuva,
flocos do inverno e a cauda do arco-íris.
O cântico das rãs, esmigalhadas
pelas patas dos centauros de Osíris.
Rosa é o enigma do copo de cicuta,
a serpente enroscada em nossas veias.
O mistério que jorra dos armários
sob a luz encardida das candeias.
Rosa é o mito do tempo. Os intervalos
em que a morte amamenta os seus cavalos.

VIII

Rosa do mito é a tampa da cisterna
que esconde os amuletos do adivinho.
As sombras que se afastam de Virgílio
e se afogam no Tártaro e no vinho.
É o clamor das juritis na sombra
do ingazeiro tombado sobre o rio
onde os peixes têm escamas de pérola,
fazem bolhas de amor se estão no cio.
O atrito da correia da roldana
que parece um lamento em noite morta.
Lamento de andarilho extraviado
sem saber quando parte ou quando volta.
Mapas da Espanha, a espada do Quixote,
que trespassa a retina do ciclope.

IX

Rosa do mito é a nuvem desgarrada
do rebanho que pasta no horizonte
entre os espinhos dos astros. A flauta
dos pastores, a música da fonte
que acorda as madrugadas nas aldeias.
As esporas do galo, esse monarca
que exhibe os seus brasões de prata e cobre
e alegra as concubinas da comarca.
O que semeia augúrios nas lavouras,
as profecias de uma idade antiga
quando os metais dos velhos alquimistas
eram menos amados que uma espiga.
Rosa do mito é o tempo, que nos tinge
da mesma cor das gralhas e da esfinge.

X

Rosa do mito é o sonho que evapora,
o estridor dos metais e das fanfarras.
Os raios da roda ao redor da esfera.
O jorro cristalino das cigarras
nas tardes de mormaço, quando as coisas
se desintegram num torpor de febre.
A coruja esculpida na cornija,
de olhos fitos no aroma de uma lebre.
A morbidez dos pântanos. A fala
e o timbre de gralha das carpideiras.
Sons de bigorna chegam das centúrias
pelas fendas e frestas das paredes.
Rosa é o mito do tempo, que esfarela
a orquídea de veludo e os seios dela.

Para Vinícius de Moraes

I

De repente a palavra é cinza ardente
que se move em secreta tessitura.
A solidão é uma pantera escura
devorando um centauro adolescente.
De repente o sorriso da escultura
aprende o esgar da morte irreverente.
Nas pálpebras geladas só a pura
marca do beijo da mulher ausente.
De repente o mistério que perdura.
Sol que se acende em puro movimento,
lembranças que se apagam nas retinas.
De repente as amadas repentinas
chegam do mar, despetalando o vento
e as folhas mortas de uma estrela pura.

II

Chegam do mar, despetalando o vento,
o anil dos corpos e o salino cheiro.
Vêm dos morros do Rio de Janeiro
Vêm do Arpoador, nas asas do elemento.
Chegam do mar com gosto de saveiro
(potro andador de trote sonolento),
dourando as ancas ao fulgor do evento,
urdindo o ardil do arcano passageiro.
Chegam do mar, despetalando o vinho
dos seios que palpitam como taças,
dos olhos que transbordam feito espuma.
Chegam do mar pendoado de barcaças
em seu carro de fogo e desalinho
puxado pelos pégasos da bruma.

III

Os pálidos violões somem na aurora.
Os bares de Ipanema estão vazios.
Musas que lhe ensinaram desvarios,
onde essas moças andarão agora?
Moças em flor de todos os estios
musas que o amaram pela vida afora.
Quem disse adeus ao que se foi embora
para a mansão dos ventos erradios?
Quem disse adeus ao bardo que partia
para a alameda onde a saudade mora?
Sei que não foi o arcanjo da agonia
em seu corcel de galopar na aurora.
Moças em flor, perfis de maresia,
musas que o amaram pela vida afora.

IV

Vinícius de Moraes anda nas ruas
vendo a vaga dos corpos ondular,
as moças sazoadas e essas luas
que elas cavalgam quando vêm do mar.
Anda nas ruas com seu passo incerto
afeito à dor da escória milenar,
ao concerto do mundo e ao desconcerto
do amor, ave esquecida de emigrar.
Do amor, que é como esfinge alucinada
que às vezes cega, às vezes ilumina
o coração com seu quadril lunar.
Vai esquecer, guitarra apaixonada.
Vai cavalgar a Estrela Vespertina
cavalo azul de galopar no mar.

Borges e o Ouro dos Tigres

1

Os espelhos de Borges e a diversa
plumagem das palavras. Os recintos
da ira e do sarcasmo. Os labirintos
e espirais das metáforas do persa.
A velhice dos homens e dos deuses
e o galope incessante das esferas
em suas órbitas de fogo. As eras
ceifando as horas e engolindo os meses.
A fuga do guerreiro e do ciclope.
O dorso do crepúsculo já avança
na sombra que se extingue e continua.
A tarde chega ao fim sem que se note.
O vento cambaleia na faiança
onde um fauno se despe para a lua.

2

Tu lapidavas o ouro dos tigres
de Bengala. Eras profeta e mago.
Foste rapsodo às portas de Cartago
num tempo de adivinhos e de intrigas.
Decifravas a esfinge dos espelhos,
seus vaticínios e seus dialetos
de luz e sombra. Teoremas, sonetos
de Gôngora, as diásporas dos velhos.
Vêm de Madri os ventos de Toledo.
Trazem canções e estrofes de Quevedo
que inundam toda a Espanha com seus raios.
Agora, que os touros morreram, podes
cantar os labirintos, os desmaios
das tardes e as revoadas das odes.

3

Vejo-te andando pelas ruas claras
nalguma tarde recendendo a antúrios
desfolhados. Vais entre adagas e urdes
tempo e magia de Buenos Aires.
Urdes o arcano e a música diversa
das coisas. Urdes a insígnia e os espelhos
do monarca. A reminiscência e os velhos
emblemas das metáforas do persa.
Andas perdido entre relógios de areia
mapas azuis de remotos países
livros de Stevenson, cismas de Heráclito.
Enquanto o céu dos mortos devaneia,
teus olhos fitam com o fulgor do hábito
outras distâncias, outros paraísos.

4

Contam que Borges, indo a Portugal,
contempla o Tejo numa tarde linda
de vento e augúrio. À luz ocidental
esse é o rio mais belo que imagina.
Toca as águas do Tejo com a bengala,
como se fosse a espuma cristalina
daquele mar de que Camões nos fala
nos versos imortais da oitava-rima.
Borges ao leme de um veleiro cego,
mas enxergava os mundos mais distantes
pelos olhos do sangue nas artérias.
Daquelas águas heroicas do Tejo
partiram menestréis e navegantes
em naus velozes de redondas velas.

FAZEDOR DE GAIOLAS

Para o Prof. Antônio Martins Filho

O grande homem cresce em linha reta
e nisso imita o cedro da montanha.
Sabe que a luz dos astros o acompanha
rumo ao fanal da estrela predileta.
Vai além do seu tempo e do seu meio
e muda em pedra a argila transitória.
Semeia ideias e recria a História,
ligando o seu destino ao sonho alheio.
Mantém-se altivo quando perde ou ganha,
o grande homem é o cedro da montanha
que se esgalha no céu, gloriosamente,
num fervor de incessante primavera.
O forte Chefe, já Camões dissera,
é aquele que faz forte a fraca gente.

Para Anderson B. Horta

Sonâmbula, entre nuvens desgarradas,
a monja recomeça o pastoreio
das estrelas. O resto são palavras
sem que se saiba porque o homem veio.
Profanamos o mito em seus altares
de pedra, resgatados pelo sangue
das pombas. Nossos vícios, nossas taras
de reis assassinados pelo alfanje.
Esculpimos o amor com mãos de argila.
Nossas mãos de duende enfeitado
tantas vezes expulso, tantas vezes.
Enquanto adeja a oriental safira
argonautas da barca do pecado
ancoramos nas vértebras dos deuses.

Para A. C. Osório

O que arrulha no vento é alguma estrela
o que sangra no peito é alguma vaga
o que chega de longe é alguma vela
o que pulsa na sombra é alguma ave.
A nuvem que rasteja é alguma cobra
o fruto que despenca é alguma pêra
o rastro que protesta é de algum pobre
o brilho que vagueia é alguma fera.
O que existe em segredo é o que se ama
o mito é o que parece que está morto
o emblema da nudez é nossa foz.
O que vive de sonho é nossa chama
o que morre de amor é nosso corpo
o que resta da cinza é nossa voz.

Para Edson Guedes de Moraes

Movem-se as mãos de mestre Vitalino
moldando o barro, seduzindo a argila.
Dizem que um deus lhe acende na pupila
visões alucinadas de um menino.
O barro das ladeiras cria asas
que às vezes devaneiam nas alturas.
À sombra das choupanas e das casas
anjos desenham formas de esculturas.
Homens pacatos, rudes cangaceiros
povoam as estradas do Nordeste
crestadas pelas chamas dos cardeiros.
As dádivas de limo que me entregas
enchem de sonhos as retinas cegas
dos olhos soterrados dos oleiros.

Para Moacir Felix

Canto para as transformações do homem
para que a todo instante ressuscite
da solidão, das sucessivas mortes.
Para que jorre o amor e o trigo cresça.
Canto para que os seios das amadas
nos embebedem com seu vinho. Canto
para que as alvoradas da nudez
das moças desabrochem sobre nós.
Canto para que os mortos nos escutem
para que o vento aprenda a nossa fala
e os rios multipliquem nossa voz.
Canto para que os gestos reverdeçam
para que os tristes sejam consolados
antes que partam num corcel veloz.

Para Nilto Maciel

Ó bomba de hidrogênio, ó bomba espúria
desabrochada dentro da memória.
Ó flor de sete pétalas de Urânio
noventa e dois. Ó pomba das auroras
de Satã, albatroz do apocalipse
pousado nos cabelos das escarpas.
És o demônio que seduz os anjos
e os leva para o centro das borrascas.
Cataclisma orbital que desintegra
as galáxias e esferas mais distantes
o sol das coisas, a espiral do grito.
Ó bomba de hidrogênio, esfinge negra
espantinho das noites dos amantes.
Destróis o amor mas não destróis o mito.

Para Abelardo Vasconcelos

Clareia a lua a noite dos felinos.
Ventos de outubro adejam nos terraços
de onde se avista o mar, tigre ofegante.
A passo lento, as ondas se aproximam
dos rochedos, fantasmas de argonautas.
Chega das angras o rumor dos barcos
ancorados. A noite dos felinos
derrama seu mistério sobre as coisas
que dormem. Num país distante, homens
de negro fundam catedrais de ópio.
O som do augúrio acorda os faraós
soterrados no lodo das centúrias.
De vez em quando a fala do adivinho
assusta os reis em seus dosséis de linho.

Para Marly Vasconcelos

Os rebanhos que descem da colina
para beber o leite dos regatos.
A borboleta negra da menina
pousada na moldura dos retratos.
As janelas de cedro do sobrado
os esteios da casa da fazenda
a solidão que pastoreia o gado
em tardes de espantalho e de oferenda.
As papoulas de arame dos cercados
a luz da chuva, a areia dos momentos
a nudez que flutua nos vestidos.
Os gestos para sempre contemplados
da moça em que, tocados pelo vento,
nossos olhos pousaram distraídos.

Para Lêdo Ivo

Os rios são parábolas de limo
esculpidas nas vértebras dos peixes.
O que sobra dos rios são os seixos
sonhados pelos olhos dos meninos.
Os rios vão chorando para a foz
com saudade dos seios das vertentes
e espalham sobre os mortos as sementes
das lavouras de cinza das avós.
Andarilhos do tempo e da memória
os rios nos visitam certas vezes
para lembrar que somos argonautas.
Os rios são a clâmide ilusória
sobre o cetim da púrpura dos deuses
tocadores de ovelhas e de flautas.

Para Linhares Filho

Uma esfera gravita noutra esfera
uma ordem repousa noutra ordem.
Nossos rastros são rastros de uma fera
os remorsos são lobos que nos mordem.
Descendemos da argila e fomos salvos
mas não somos iguais ao demiurgo.
O amor é um deus de cenho taciturno
que nos espreita sob a luz de Árgus.
O corpo é uma pilastra que se move
no espaço, entre as fogueiras das galáxias.
Às vezes ressuscita quando chove
pranto estival dos olhos das vidraças.
A alma é o que alça voo e se comove
dourada borboleta entre as acácias.

Para Luciano Maia

Quem sabe ouvir a argila dos arroios
de que é feita a escultura das meninas.
Quem sempre volta aos campos dos avôs
para abraçar os cachos das vindimas.
Quem recolhe as espigas adoçadas
pelo orvalho e o murmúrio das abelhas.
Quem semeia canções pelas estradas
e escuta o amor dos pássaros nas telhas.
Quem segue as moças entre os eucaliptos
onde um fauno as espera qual se fora
um sedutor vestido de jogral.
Quem pastoreia a insônia dos cabritos
a nudez e os rebanhos da pastora
sabe que o amor não morre em Portugal.

Para Majela Colares

Raios de sol dardejam nas estradas.
Sobe da terra uma fumaça morna
que mais parece as fezes da bigorna
pelas flechas do fogo trespassadas.
De silêncio são feitas as palavras.
A luz das nuvens sangra nas retinas.
Os bichos bebem sangue nas cacimbas
onde se espelham suas sombras magras.
A morte acena para abutres fartos.
Colados aos lajedos, os lagartos
sonham, talvez, com prósperos estios.
Profetas ajoelhados sobre as rochas
mandacarus acendem suas tochas
nos funerais das reses e dos rios.

O último verso do primeiro soneto é de Luciano Maia.

Para Iranildo Sampaio

Somos esses mendigos que adormecem
à sombra das arcadas dos arcanos.
Nossos sonhos são rotas naufragadas
na memória de velhos portulanos.
Os dias vão crestando a nossa voz
os deuses reinventam nossos planos
os rios correm para alguma foz
mas não sabemos para onde vamos.
Vamos beber o fel da eternidade.
A cada instante estamos de partida
num cavalo de areia galopamos.
Chega da noite amarga claridade:
um pássaro pousado em nossa vida
quando florirem todos esses ramos.

Para Jaci Pereira

Criaturas de argila, homens de barro
nascem das mãos de mestre Vitalino.
São filhos das entranhas e do mito
soprados pelo hálito de Deus.
Vêm da luz dum crepúsculo bizarro
tangidos pelo sopro do divino.
Cada argila se move em seu espírito
qual planeta na órbita dos céus.
Deuses de barro, homens de carne e osso
tocadores de flautas e violas
tangerinos do sol, cabras da peste.
Cantai vosso destino sem remorso
como as graúnas cantam nas gaiolas
os dourados estios do Nordeste.

Para Jorge Tufic

Guardamos nossos sonhos nas gavetas
onde se guarda a rosa embalsamada.
As formigas carregam nossas cinzas
para o festim das negras borboletas.
O vento passa sem deixar vestígio
da infância prometida pelos deuses.
O céu nos foge em doida cavalgada
pelas encruzilhadas do prodígio.
O pássaro do mito é uma ave incauta.
Busca-se o amor à sombra da utopia
ou dos cachos da vides de Davi.
Navego sob os mastros deste dia
entre as rotas de espuma do argonauta
e a memória do rosto que perdi.

Para José Alcides Pinto

Não basta o leite nem o pão da súplica
para aplacar tantas fomes e sedes.
Saber que o céu escuta nossas dúvidas
que os fantasmas escondem nas paredes.
Não basta ouvir o grito dos bastardos
nem deitar mel nos pórticos do vômito.
Não basta ser herói todas as tardes
em que fugimos num cavalo atômico.
não basta arder aos olhos que nos fitam.
Não passa o amor de sombra e fingimento
em que os deuses da ágora acreditam.
Não basta erguer moradas de cimento
se os que partem são cinzas dos que ficam
se a nau dos mortos é de areia e vento.

Para Che Guevara

Nenhum grito floriu no tempo escuro.
As catedrais do vento emudeceram
quando o pássaro azul que te habitava
foi te esperar às portas do futuro.
Com seus fuzis sangrando pelas bocas
eles chegaram num tropel de porcos.
Nada ouviste das coisas que disseram
nem viste a grande orquídea sobre os mortos.
Uma rosa a outra rosa não se iguala.
Uma rosa chamada Liberdade
desabrochou em meio à noite clara.
Uma rosa de vértebras de sangue
rosa de Lorca e de Bernarda Alba
rosa da Espanha para Che Guevara.

Para Domingos Carvalho

A vida é uma promessa dos sentidos
cumpre vivê-la, agora, em plenitude.
Os anos vão embora com seu rude
galopar de cavalos seduzidos.
Vão-se as éguas dos deuses para as ágoras
com seus potros paridos ao relento.
Nossas vozes de areia são parábolas
captadas pelo léxico do vento.
A vida é uma fagulha incandescente
de chama que se apaga a toda hora.
Som dos vestidos, cio da pastora
levados pelo embalo da corrente.
A vida é uma vertigem dos sentidos
galopar de cavalos seduzidos.

Para Hélder Souza

Estas paredes, velhas e rugosas,
dizem que são dos tempos do dilúvio.
São de tijolo e vento, são de pedra,
sabem de cor os cânticos da chuva.
Junto delas brotaram nossas vozes
nossas messes de sonho e de utopias.
Estas paredes, velhas e rugosas,
são vestígios das noites e dos dias.
Venceram tempestades e procelas
viram sombras de todos os desterrados
elfos embalsamados pelas rosas.
Viram perfis de infantas nas janelas
e foram testemunhas de meus erros
estas paredes, velhas e rugosas.

Para Horácio Dídimo

Cada qual rega a messe da rotina
os dias e as orquídeas se repetem.
O mesmo céu dos tempos de Pitágoras
pastoreia as estrelas que adormecem.
O mistério germina em nossas mãos
qual vaticínio em madrugada súbita.
Mas estamos calados nessa hora
não pressentimos o roçar da súplica.
Ou se doma a fera ou se morre em débito
ou se cuida do espírito ou do hálito
ou se foge da inércia para o insólito.
Ou somos acusados pelo édito
ou somos corrompidos pelo hábito
ou somos fulminados pelo óbito.

À Memória de César Coelho

Sei que vagamos pela noite vasta
entre as sombras dos mortos e dos vivos.
E que o fervor dos vermes dos arquivos
inveja a nossa fúria iconoclasta.
O vento rasga as nossas vestes pretas
manchadas pela escória do pecado.
Descendemos do molde alucinado
da invertebral placenta dos gametas.
A esfinge insone amarra o seu cavalo
à sombra dos oitões de meus avós
e vai de volta às amplidões serenas.
Sei que ao primeiro cântico do galo
ouve-se o grito de um corcel veloz
e o gargalhar sinistro das hienas.

Para César Leal

Louvo as Invenções da Noite Menor
e o Triunfo das Águas sobre as víboras.
Veio A Quinta Estação de Maldoror
com o albatroz de pálpebras mortíferas.
Ao som do Tambor Cósmico, os dilúvios:
uma pele de réptil que se estira
sobre os bichos e os pássaros noturnos.
Ao céu retorna a oriental safira.
O tempo e os dias são corcéis velozes.
Nada resiste ao vórtice orbital
onde o mito do amor se desintegra.
O vento apaga as súplicas e as vozes.
No alvorecer dos pórticos da treva
um anjo nos entrega o seu fanal.

Para Carlos Augusto Viana

Preciso arder às chamas da utopia
para escapar deste universo agônico
e atravessar os pórticos do dia
pulverizados pelo fogo atômico.
Preciso erguer um brinde à irreverência
e ao vinho espúrio desses velhos odres.
Saber passar da forma para a essência
trocar meus versos por sementes podres.
Quero rolar de abismo para abismo
beber a borra amarga do ostracismo
domar o enigma e seus velozes potros.
Preciso estar no tempo e fora dele
mudar de túnica ou trocar de pele
sair de mim para viver nos outros.

Para Carlos d'Alge

Sôbolos rios envelhecem os mitos
as coisas mudam por diversos modos
os ventos crestam folhas e cabritos
e as papoulas que enfeitam nossas odes.
Sôbolos rios ardem nossas vestes
nossos lençóis e as nódoas do pecado.
Borboletas, douradas borboletas
vêm do futuro e pousam no passado.
Sôbolos rios chega o mês das parras
o amor que se sonhava e se descobre
num verso de Camões dito em surdina.
Sôbolos rios as canções de Nobre
germinando no peito das guitarras
tocadas por uns dedos de morfina.

Para Artur E. Benevides

Os navios que partem mas não voltam
tardes apascentadas pelas flautas
nuvens que vão, plumagens que se soltam
madrigais de esquecidos argonautas.
Velhos jograis, jovens pastores gregos
velando o entardecer junto da escarpa.
O som do mar e a voz dos citaredos
o rumor das quadrigas do monarca.
No espaço constelado de esperança
pode-se ouvir a música das asas
singrando a esfera em direções remotas.
Chuva que jorra dos beirais das casas
e vai cantar nos bosques da faiança
gestas de amor para as Valquírias mortas.

Para Augusto dos Anjos

Se me debruço na razão precária
se ponho os olhos dentro das gavetas
onde repousa a prole solitária
dos herdeiros bastardos dos gametas.
Se os vejo corrompidos pela farta
lama que prolifera nos recessos
tenho vontade de rasgar meus versos
de não ler Cristo nem de ler Sidarta.
Se o poder os atrai com seu falerno
se estão de volta aos pórticos do inferno
aos seus vulcões de tórridas crateras.
Se lhes escuto os madrigais ilustres,
sombrios como as asas dos abutres,
sinto vontade de abraçar as feras.

Para Caio Porfírio

Somos filhos do vento e da neblina
da argila esbelta e da memória turva.
Nossos rastros de sangue em cada esquina
do universo das pedras e da chuva.
Nossas vidas guardadas nas gavetas
nossas vestes e as laudas do batismo
a infância carregada em bicicletas
para o cume das noites e do abismo.
Cinza e metal permeiam nossa lenda
o sangue que circula em nossas veias
esse enigma do amor, que é nossa prenda.
De coisas belas e de coisas feias
são feitas as palavras e as ideias
os rebanhos e estacas da fazenda.

Para Cícero Acaiaba

Nossa fala é uma argila provisória
feita de espuma e das vogais do vento.
Não é a coisa achada em movimento.
É a coisa que explode e se evapora.
Nossa fala é vestígio de desenho
numa parede erguida no vazio.
Minha fala não sabe de onde venho:
se dos mares da noite ou se do rio.
Nossa fala recende ao nosso corpo
recende à solidão, recende à chuva.
Tem cheiro de placenta e de colostro
tange as cordas da harpa e do alaúde.
Nossa fala é a nudez de nossa voz
rosa arrancada à tumba dos avós.

Para Natércia Campos

Pássaro negro veio pela porta
e pousou nos umbrais dos olhos dela.
Todos viram o espírito da morta
mudar em sangue o leite da tigela.
Não se ouviu o rumor da terracota
quando o vento passou pela janela
nem o pulsar das plumas da gaivota
seduzindo as matilhas da procela.
De repente era noite nos terraços.
Aldebarã dava os primeiros passos
para arder no holocausto das esferas.
Ninguém viu quando a morta, seio alado,
foi celebrar as cinzas do noivado
entre verões azuis e primaveras.

Para Sâncio de Azevedo

A bomba H dissolve a fantasia
dos homens, a plumagem do velório.
Dissolve a pedra e a nuvem fugidia
chegadas dos confins do purgatório.
A bomba H dissolve os elementos
(nada lhe escapa das secretas fúrias).
Dissolve a branca abóbada dos ventos
vertentes de alvoradas e centúrias.
A bomba H dissolve os teus sentidos
e os converte em galáxias de poeira
como se fossem mármore partidos
transformados em pó numa fogueira.
A bomba H só não apaga a chama
da estrela que adormece em nossa cama.

Para Pedro Paulo Montenegro

Restam algumas chamas de utopias
no fogo adormecido. Nas paredes
da sala, borboletas de veludo
pousam de leve nas fotografias.
Dentro de casa o cheiro de alfazema
volta ao quarto das moças e transborda.
Réstias de sol desenham alegorias
nos esteios de pedra da fazenda.
A tarde chega num rumor de asas.
O vento afaga as sombras dos fantasmas
no ladrilho. No pórtico de cinza
do esquecimento, a voz é uma candeia.
Fosse a nudez da amada uma colmeia
seria o amor os brotos da vindima.

Para Virgílio Maia

Quem leu Camões à sombra de uma alfaia
e errante andou qual doidas borboletas.
Quem adoçou as cordas do alaúde
para cantar as terras descobertas.
Quem se perdeu em tenebroso mar
quem naufragou nas águas da discórdia.
Quem pulsa ainda no clamor da pedra
onde se guardam as cinzas da memória.
Quem foi soldado, quem foi navegante
pastor de madrigais sôbolos rios
onde os mouros cravaram seu punhal.
Quem foi guiado pelo sol de Dante
para o solar dos pórticos sombrios
sabe que o amor não morre em Portugal.

O último verso do segundo soneto é de Luciano Maia.

VIAGEM NO ARCO-ÍRIS

Soneto da Ceia

Quando me deito, quando me levanto,
rezo uma prece isenta de palavras
pelas horas felizes, as amargas
e até pelas ausências, se houve pranto.
De tudo o que sonhei, resta-me o espanto
de sombras que se abraçam nas estradas.
Revejo em sonho as faces desbotadas
dos mortos que precisam de acalanto.
O amor semeia aromas de morfina.
O anjo da morte nos meus olhos pousa,
num gotejar de chuva carpideira...
O Deus da lebre é o mesmo da raposa:
adoça e esmaga os cachos da vindima
para o brinde da ceia derradeira.

Elegia dos Portões Retos

Jogral das nossas ilusões mais caras
e das nossas mais puras utopias.
Ao som dos galos e ao raiar dos dias
celebras o Fervor de Buenos Aires.
Os verões e seus brilhos amarelos,
os aromas dos vinhos e dos sábados,
os augúrios da esfinge e dos espelhos
e as mechas de luar dos arrabaldes.
Ranger de ferro e aldrava em portões retos.
Guitarras à memória de esqueletos
saídos da penumbra dos altares.
Canções e adagas sangram nos teus livros,
nos olhos das panteras e dos tigres,
nos labirintos de Buenos Aires.

Uma Taça de Vinho

Ó feiticeira das orgias rubras,
madrigais te celebram nas esquinas,
ao som das harpas e dos alaúdes
sob os olhos venais das messalinas.
Ânfora em que Ugulino e seus vassalos
aos deuses brindam com o licor das trevas.
Teus olhos negros lembram os dos cavalos
que pastam tempestades nas esferas.
Taça do amor, evocas clavicórdios
em noites medievais. Velas a insônia
dos amantes com as pálpebras das éguas.
Os jograis te celebram em suas odes,
seus madrigais aos nobres de Verona,
ao luar de veludo das adegas.

Versos para um Tigre

Monarca dos bosques e das florestas
da África, essa comarca de veredas
que se bifurcam. Teus olhos são flechas
que trespassam remorsos e paredes.
Teu faro é mais agudo que o das cobras,
teu pêlo mais sedoso que o dos pumas.
És algum deus banido de outros orbes,
de uma tribo fundada entre os cardumes.
Os teus passos semeiam madrugadas,
réstias de sol, ramagens de crepúsculos,
visões de assombro entre chacais e cervos.
Reinas ao vento e á púrpura das tardes.
Deuses invejam teus dourados músculos
de descendentes dos arqueiros gregos.

Cântico do Mar

Celebro o mar, marulhos e marolas
que desenham parábolas na areia.
Ostras e espumas que produzem pérolas,
a mão que afaga a chama da candeia.
A audácia do argonauta que semeia
liberdade, a palavra sem argolas.
O outono que sazona e pastoreia
o seio aveludado das amoras.
Celebro o mar, volúvel paquiderme.
Dançarino dos pélagos vulcânicos
que embala e nos assusta com seus cânticos.
Celebro a terra que amamenta o verme.
Cala os tiranos, arrebenta argolas,
irriga o amor e os brolhos das amoras

Viagem no Arco-Íris

Na tarde azul o sonho abriu-se em leque
cor de esmeralda e verdes pedrarias.
Dir-se-ia que os deuses navegassem
com seus fanais por dentro do arco-íris.
Parece até que arautos rebelados,
fugidos dos palácios dos emires,
disparassem seus dardos de topázio
contra os falcões domados por Osíris.
Ao som das harpas, cordas espartanas,
sedas e opalas de linhagem pura
despetalam vertigens e suspiros.
Do mar de areias partem caravanas
para as rotas do amor e da luxúria,
onde se trocam virgos por safiras.

Alto Risco

Viver é uma aventura em pleno espaço.
Até os sábios morrem por enganos.
Na voragem dos meses e dos anos
nenhuma vida vale um epitáfio.
Um grande amor altera nossos planos
mas causa pode ser de aturdimento.
Pois não basta saber para onde vamos:
se a favor da fortuna ou contra o vento.
Uma rosa perfuma o seu espinho.
Mas logo murcha, e o espinho permanece
no caule em que o prodígio cambaleia.
Não nos dói o enfisema do vizinho.
Ninguém morre do fruto que apodrece
nem se vive do mito que semeia.

Azul Lejo

Espanha do Quixote e de Picasso,
dos mortos rebelados de Guernica.
Do sangue derramado pelos touros
na terra, que os esmaga e glorifica.
Espanha das ameias onde os mouros
amolam as adagas cor de vinho.
Dos galos seduzidos pela aurora
ensanguentada à beira dos caminhos.
Espanha de Santa Tereza D'Ávila.
De Ortega y Gasset, de Lope de Vega,
de Cernuda e Calderón de la Barca.
Espanha dos claustros e da Mesquita
de Córdoba. Dos vitrais da Idade Média.
De Lorca e seus adágios para harpa.

Orquídea Azul

Sou o jogral que dorme nas esquinas
onde os deuses fizeram serenatas.
Ouço o arrulho das pombas e meninas,
som de cristal polido pelas harpas.
A orquídea azul que emerge das areias
do deserto com florescências raras.
O mouro que adormece nas ameias
enquanto amola os gumes das adagas.
Fui adivinho nos serões das ágoras.
Estava em Delfos quando o rei de Tiro
cruza o Mediterrâneo numa barca.
Fui menestrel no tempo de Pitágoras.
Cantei o amor em laudas de papiro
e os seios das amantes do Tetrarca.

Azulejo Romano

Na tarde romana a nudez das estátuas
recende a luxúria. Pombas se acasalam nos seios
de mármore das deusas de curvas pagãs.
Das fontes de pedra escorrem vestígios das eras.
A plumagem dos dias e das noites.
A insônia dos barcos e das gôndolas. O ruflar
dos gansos nas madrugadas do Capitólio.
Os gemidos de amor nas camas barrocas de Veneza.
Os arcos do Coliseu, onde as águias
depositam seus ovos de topázio. Os mamilos
da loba romana, que amamentam séculos de memória.
O tropel dos violinos de Nero em louvor
de Roma incendiada. O assassinato de Agripina.
Os amantes de Verona seduzidos pelo anjo da morte.

Diálogo com CDA

Os mortos nos escondem seus mistérios.
O carrossel das madrugadas gira.
A chuva irriga as pedras, os minérios,
as casas e sobrados de Itabira.
Verso universo em todos os momentos,
jamais ardeste às cordas de uma lira.
Teu corpo se entrelaça aos elementos,
ao cobre, ao zinco e ao ferro de Itabira.
Minas é como um signo na epiderme,
nos versos de uma estrofe ou de uma ode,
nos passos de um fantasma que respira
o ar da montanha, o aroma da caverna.
O avô de fraque, a espuma do bigode,
retratos que te acenam de Itabira.

Morte de Meu Pai

Sonha meu pai na rede de varanda.
Um sonho mal começa e já termina.
O vento açoita as portas de imburana,
aves de agouro em núpcias de morfina.
O vento vem do rio ou das colinas,
semeia odor de seios de ciganas.
Nuvens peludas, essas ratazanas
que em vez de espigas comem turmalinas.
De longe escuto o choro das roldanas,
o alarido das patas dos cavalos,
nas pedras esculpidas pelo inverno.
Nos intervalos dos clarins dos galos,
um deus senil descose nossas tramas
e tudo o mais que se supunha eterno.

II

Numa tarde de agosto e ventania,
rebanhos pastam nuvens nas ladeiras.
Mulheres cantam velhas litanias
escritas desde a infância das igrejas.
Vindas de alguma sombra dos outeiros,
aves de agouro pousam nos telhados
para ouvir os serrotes amolados
e as vozes espectrais dos carpinteiros.
Homens no alpendre fumam seus cachimbos.
Contam anedotas de emboscadas. Galos
da madrugada acordam nos poleiros.
Asas de abutre assustam os tamarindos.
Meu pai cavalga as patas dos cavalos
e sobe ao céu nos braços dos coveiros.

Soneto com Mote de Camões

A grande dor das coisas que passaram
e não deixaram rastros nem vestígios.
Das coisas que sumiram no dilúvio
ou na esteira de espuma dos navios.
A grande dor das coisas sem memória
escritas no papiro dos caminhos.
Dor de lembrar os mitos que já foram
sonhados pela infância dos meninos.
A dor apaga a chama da candeia,
descose a eternidade dos minutos,
borda com sangue os enxovais das noivas.
A grande dor do mundo. A que semeia
em solo fértil mas só colhe frutos
quando sobram da ceia das raposas.

Soneto da Eternidade

Eternidade é o tempo sem fronteiras,
sem começo nem fim, sem intervalos.
Rumor impressentido de cavalos
puxando uma quadriga de fogueiras.
O silêncio das horas derradeiras
ungido pela púrpura dos galos.
O murmúrio dourado das videiras
regadas pelo sangue dos vassalos.
Ao mergulhar nas trevas do mutismo,
medito a vida e a morte longamente.
Se Deus, que faz o tempo e escreve a história,
consente o amor e pastoreia o abismo:
em vez da eternidade permanente,
nos desse a eternidade transitória.

Vinho de Azulado Aroma

Relampeja o brasão dos Capuletos
entre azuis e dourados de Verona.
Das gavetas dos nobres esqueletos
jorram vestígios de azulado aroma.
Nos jardins dos palácios, os abetos
são signos da matéria que sazona.
Cordas acordam infantas de Verona
para ouvir os suspiros dos sonetos.
Desce a noite das pontas das escarpas.
Lâmpadas de reflexos amarelos
bocejam nas esquinas de Verona.
Ouve-se ao longe o funeral das harpas.
O vento arranca as mechas dos cabelos.
A morte é um vinho de azulado aroma.

Testamento

Venho das mutações do paroxismo.
Sou pó de volta ao pleno anonimato.
Não levarei remorsos para o abismo
nem versos escondidos no sapato.
Levarei a inocência dos meninos
mortos nas madrugadas pelos mísseis.
O odor das tardes, esse odor salino
dos rebanhos que pastam nas planícies.
Levarei a tristeza dos caminhos
desertos. A nostalgia da casa
abandonada onde a saudade mora.
A solidão dos velhos passarinhos
que ficaram sem olhos e sem asas
e já não cantam quando raia a aurora.

Filho Pródigo

Expulso das mansardas em que habitas
vagueias pela noite dos instintos.
Os sons do vento são chacais famintos
dilacerando as trevas infinitas.
O mais vil dos bastardos te recusa,
te nega os olhos e te fecha a porta.
Quando te esgueiras pela noite morta
eles te dão seu bafo de medusa.
És o reverso da moeda falsa
o dono do caixão que não tem alça
o espantalho em que dorme o passarinho.
Os cachorros te insultam quando passas.
Ninguém te aceita à mesa das trapaças
nem te oferece a borra do seu vinho.

Visão Dúplice

Nas tardes de papoulas e amarantos,
o vento agita os braços dos ciprestes.
Até parece um gênio das galáxias
expulso pelos dardos das florestas.
Augúrios cambaleiam nas estradas,
divindades passeiam pelos bosques.
O céu semeia seu esgar de esfinge
na memória dos vivos e dos mortos.
Penso nos pobres que virão dos morros.
Das cavernas polidas pelos trópicos,
das catedrais e esquinas dos pivetes.
Penso na sua pelagem de cachorros.
Nos sonhos devastados pelos óbitos
ou pelos funerais dos canivetes.

Ulisses e o Mar

O mar é uma serpente mitológica
que engole navios e transatlânticos.
As marés são acordes ou são cânticos
de alguma estrela que fugiu da órbita.
Orquídeas dançarinas dos corais
entre faíscas de pérolas e seixos.
Uma baleia que mastiga os peixes
ao modo dos caninos dos chacais.
O mar, cadela egípcia que amamenta
os deuses e os homens. Loba de Ulisses,
ela o reteve aos olhos da placenta.
O mar semeia a lenda e escreve a história.
Celebra o herói em meio da tormenta
na madrugada em que voltou de Troia.

Soneto de Granada

Rosa acordada, uma canção de Lorca
clareia sonolentos miradouros.
De repente o crepúsculo dos touros
enche de augúrios a alameda morta.
Na noite escura não se ouve um banjo
celebrando as estrelas sossegadas.
Apenas vão brotando das calçadas
os passos compassados da falange.
O imolado partiu na noite calma
cercada de fuzis e baionetas
quando os astros o olhavam da montanha.
Madrugada de sangue e de violetas.
Pelos confins da servidão de Espanha
ronda o fantasma de Bernarda Alba.

Noturno de Ouro Preto

I

Ouro Preto embriaga como o vinho
que amadurece em barris de carvalho.
Cristos barrocos sangram no calvário,
e o sangue irriga as mãos do Aleijadinho.
Ouro Preto, que já foi Vila Rica,
sobe ladeiras entre curvas e retas.
Bandolins cantam versos e serestas
pelas esquinas da cidade mística.
A noite branca assoma nos telhados
coloniais. Corujas de veludo
pousam no vento e torres das igrejas.
Ouro Preto e seus mitos soterrados.
Sonhos do Inconfidente lavam tudo
com o sangue que jorra das paredes.

II

Ouro Preto dorme nas torres das igrejas,
nas curvas do barroco, nas cornijas.
Nos telhados onde a memória do limo
traz de volta o esqueleto das intrigas.
Joaquim José da Silva Xavier,
Tomás Antônio Gonzaga, Alvarenga
Peixoto e Cláudio Manuel da Costa
com sangue escrevem a liberdade e a lenda.
A noite sobe escadas e ladeiras
de pedra-sabão. Anjos cor de vinho
descem subitamente dos altares.
Silvério dos Reis arde nas fogueiras
da páscoa. Fantasmas de areia e linho
fogem numa quadriga de centauros.

III

Descem fantasmas das escadarias.
Ao ressoar de trincos e de aldravas,
os Profetas semeiam confidências
de um tempo de salmos e de parábolas.
Vultos sobem ladeiras de pedra antiga,
de onde jorraram palavras e centúrias.
Duendes costuram mortalhas de seda
para o noivado insone das corujas.
Galos de Andorra trazem madrugadas
nas plumas de bronze. Canções de mouros
assassinados com punhais e adagas.
Profetas confabulam nas escadas
de Ouro Preto. Anjos com chifres de touros
salvam do inferno as almas condenadas.

Tigre

Trama infernal de nervos e raízes.
No teu olhar de vibrações austeras
flamejam madrugadas invisíveis
relampejando ao sol de outras esferas.
Vagueias num crepúsculo impreciso
igual a um deus expulso de outras eras
que recordasse o incerto paraíso
dos ancestrais, dos homens e das feras.
Alba que espreeite, pássaro que emigre
rosa que espere, treva que amanheça,
tudo se curva à púrpura do tigre
e ao seu signo de fogo na cabeça.
Quando te vejo arder ao sol de Osíris
penso num deus de volta ao paraíso.

Nordeste

Fornalha da injustiça e da semente
que às vezes brota e às vezes não germina.
Só me resta a metáfora indecente
para gritar bem alto que esta sina
não te foi reservada pelos deuses.
Só me resta esta raiva que incinera
esta utopia dos dias e dos meses
e este gemido herdado de outra esfera.
A fome vai passando rumo à sombra
levada pela insônia e pelo vento.
Anseio de partir, sê como a onda.
Vontade de morrer, dorme ao relento.
Aurinegro pendão desta esperança
que a brisa do estupor beija e balança.

Namoro Uma Nuvem

1

Nuvens são pombas que voltam do exílio,
guiadas pela bússola dos astros.
Veloze albatrozes que afugentam
os temporais dos mastros dos navios.
Uma nuvem é um pássaro de vento
que pastoreia os campos semeados
para que o trigo e o arroz amadureçam
e seus metais dourados nos acordem.
Nuvem do amanhecer, nuvem das tardes.
Nuvem que pasta a relva das ovelhas
e as traz de volta ao rúmen das aldeias.
Nuvem que afaga a insônia dos cavalos,
amamenta as espigas de centeio
e entrega o seio aos lábios dos meninos.

2

De onde veio essa nuvem dançarina
que me visita nos confins das tardes?
Das geleiras da Antártica ou dos Andes?
ou talvez das encostas do Himalaia?
Essa nuvem namora um argonauta
chegado das paragens mais remotas.
Íntima das tempestades. De Ulisses
foi confidente na guerra de Troia.
Foi amante dos gregos e das harpas,
esteve com filósofos nas ágoras
e andou de bicicleta no arco-íris.
Às vezes essa nuvem me confunde:
ora é o fantasma do corvo de Poe,
ora lembra uma cabeça de vaca.

3

Namoro uma nuvem de seios. Todas
as tardes vejo-a numa esquina azul
do céu, em seu trapézio de algodão.
De espuma e linho, as curvas dessa infanta.
Essa nuvem de seios me visita
quando o vento desdobra os seus lençóis
de seda. Ou quando a noite se aproxima
com a leveza de um tigre quando salta.
Namoro essa nuvem como se fosse
a Beatriz de Dante. Aquela deusa
que contemplava os astros, distraída.
Em noites de volúpia e pesadelo,
quando o corpo passeia entre fantasmas,
uma nuvem de artérias me visita.

4

Uma nuvem pousada numa estaca
uma nuvem de barbas e bigodes
me visita nas horas de remorso
e me pergunta como estão as odes.
Uma nuvem de cabeça de vaca
uma nuvem de cabeça de touro
uma nuvem com crinas de cavalo
uma nuvem com dentes de cachorro.
Uma nuvem vestida de mortalha
uma nuvem com sestros de coruja
uma nuvem tão vasta que ressoa.
Uma nuvem me chama para casa
uma nuvem me pede que adormeça
uma nuvem me diz que o tempo voa.

5

Uma nuvem pode ser uma ilha
onde se enterram patacas de ouro.
Uma festa de adagas em Sevilha
para a morte ensanguentada dos touros.
Uma nuvem pode ser uma âncora
de amarrar os cavalos dos navios.
Uma vela rasgada pelas ondas
que naufragou aos ventos dos estios.
Uma nuvem pode ser uma noiva
com seu vestido branco e uma grinalda
cravejada de rosas e de estrelas.
Mas pode ser uma cadela agônica.
A mortalha de fogo das meninas
assassinadas pela bomba atômica.

6

Uma nuvem me espera numa esquina
no espaço constelado de utopias.
Às vezes se mistura às borboletas
dos primórdios da infância das lagartas.
Muda constantemente de figura
aos meus olhos distantes das galáxias.
Essa pastora do vento e das ondas
é da mesma linhagem das orquídeas.
Uma nuvem de corpo feminino,
os anjos a cortejam das alturas
entre o arrulho das harpas e dos sopros.
Uma nuvem me espera numa esquina
com seu vestido branco de cambraia
bordado à luz dos lampiões de azeite.

7

Vinda, talvez, dos pórticos da aurora,
uma nuvem me espera em seu trapézio.
Fantasmas cantam serenatas, em
madrugadas de ausência e de morfina.
Amo essa nuvem de perfil bovino
que me lembra uma cabeça de vaca
quando volta dos pastos do arco-íris
nas tardes desfolhadas pelo vento.
Se a procuro no céu, se não a vejo,
logo imagino que as monções do estio
em pérolas de orvalho a transformaram.
Mas tudo foi engano dos sentidos.
Ao regressar de antigos devaneios,
sonho que a nuvem me persegue ainda.

8

A nuvem pode ser uma jibóia
ou a cabeleira de Berenice.
Ou pode ser uma baleia azul
que vem do frio acasalar nos trópicos.
Ou pode ser o cavalo de Ulisses
ou seus heróis que incendiaram Troia.
Ou o cogumelo da bomba atômica
que esfarelou aos olhos de Hiroxima.
Pode ser o magnetismo da bússola
ou a quilha amolada dos navios
por mares nunca dantes navegados
por Camões e outros bravos lusitanos.
Mas pode ser o ninho do albatroz
no topo da Cordilheira dos Andes.

9

Ó nuvem de meu pai, de minha mãe,
foragidos do tempo e da memória
das palavras que não foram escritas
nos pergaminhos nem nos epitáfios.
Ó nuvem dos meninos que morreram
nem foram amamentados pelas mães.
Dos que adormecem nas calçadas, onde
cães mastigam os ossos das estrelas.
Nuvem que passeia de velocípede
entre versos de Homero, odes de Píndaro,
que o tempo dos verdugos não apaga.
Nuvem que pode ser uma garrafa
de vinho para a ceia dos amantes,
sem cordas para o adeus nem serenata.

10

Uma nuvem de seios de veludo
uma nuvem de curvas e de retas
no espaço constelado de utopias.
Uma nuvem de infâncias ao relento,
à deriva das bombas e dos mísseis
que jogam toneladas de veneno
nas plantações de trigo e de centeio.
Madrugadas expulsam passarinhos,
asas em chamas dos falcões de Osíris.
Em noites de ranger de dentes, levam
as almas condenadas por luxúria
para o inferno, onde purgam seus pecados.
Uma nuvem de léguas para as éguas
e o canto enamorado dos cavalos.



EXPRESSÃO GRÁFICA

Rua João Cordeiro, 1285
(85) 3464.2222 • Fortaleza-CE
www.expressaografica.com.br

FILIADA À CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO



Estrela de Morfina

Luto com palavras, todos os dias, todas as horas, todos os minutos. Não sei se luto em vão com esses brutos cristais, essas esquivas pedrarias. Luta de Jacó com o anjo do céu. Luta feroz, luta de sangue e fogo. Se há vencedor nesse sombrio jogo, não serei o jogral nem serei eu. Luto com palavras e não me canso de lutar. Mas não sei o que procuro nesta pugna espectral que não termina. Talvez procure amor, talvez descanso. Abrir alguma fenda no futuro e olhar de perto a estrela de morfina.

A Poesia de Francisco Carvalho

De entrada aponto a invejável perfeição formal, o domínio da herança poética do ocidente, o extraordinário equilíbrio das estruturas fônicas, as hipnóticas anáforas e paralelismo sintáticos, a polifonia de metros e rimas, a ousadia e originalidade das imagens (nunca esquecerei, entre muitas outras, "... o mar, volúvel paquiderme"). Mas a meu ver, o grande feitiço de sua poesia decorre da intensa percepção do humano. Afinal ele não se restringe ao fascínio do estético, pois "Enquanto acaricia a pluma das metáforas", abarca e aperta as dores do mundo. Onipresentes em seus versos estão o espanto existencial, a inquietação metafísica e, fundindo denúncia e compaixão, a constante consciência social do momento brasileiro.

Seu espanto e indagação diante da vida são questões universais, existe em sua cosmovisão um aspecto de forte contemporaneidade. Sintonizado com o espírito de nossa época, entrelaça natureza e cultura de maneira muito eficiente. De fato, testemunhamos a brusca transformação do Brasil rural em Brasil urbano e a coexistência desses dois aspectos atravessa-lhe crucialmente a obra. Há momento em que chega a fundir de modo lapidar (Lembro: "O mar são as barbas de Homero incendiadas / pelo fulgor dos cardumes"). Quando falo em coexistência, penso que ao lado das múltiplas influências bíblicas, literárias e históricas de que se tecem seus versos, surgem, palpitantes, galos e tigres (ambos guindados a "monarcas") corvos, cavalos, bois e borboletas. O contraste é de significativa riqueza. Mostra o quanto ao lado do lirismo confessional, o poeta está de olhos abertos para o mundo em torno. O fato de sua dicção adotar a 3ª pessoa, de preferência à 1ª, é prova disso e confere à sua poesia um forte sopro épico.

Astrid Cabral/RJ



9 788575 635308